

PRÁTICAS QUE TRANSFORMAM

Ensino, argumentação e fé em sala de aula

Orgs. Sílvia Quadros e Rodrigo Follis



Preparação:

Matheus Cardoso

Revisão de Provas:

Rodrigo Follis

Coordenação editorial:

Ana Paula Follis

Espaço Fólio (www.espacofolio.com.br)

Projeto gráfico | Capa | Diagramação

Práticas que transformam:

ensino, argumentação e fé em sala de aula

1ª edição – 2024

Ícones: Adaptado de Freepik (macrovector)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Práticas que transformam [livro eletrônico]: ensino, argumentação e fé em sala de aula / Silvia Cristina de Oliveira Quadros, Rodrigo Follis (orgs.). -- 1. ed. -- Engenheiro Coelho, SP: Espaço Fólio Editora, 2024.

PDF

ISBN 978-65-984981-1-5

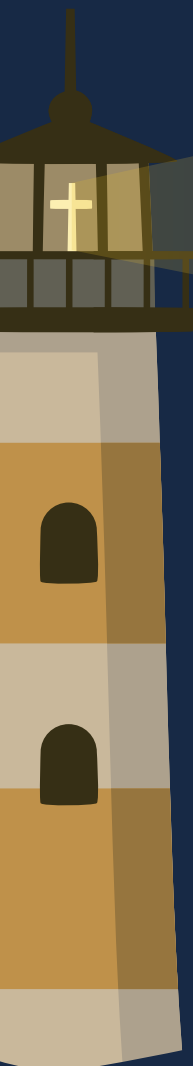
1.Administração de conflitos 2. Adventistas do Sétimo Dia - Educação 3. Inclusão escolar 4. Práticas educacionais 5. Professores - Formação I. Autores. II. Título.

23-158589

CDD-371.071

Índices para catálogo sistemático:

1.Educação adventista : Filosofia 371.071



PRÁTICAS QUE TRANSFORMAM

Ensino, argumentação e fé em sala de aula
Orgs. Sílvia Quadros e Rodrigo Follis



Engenheiro Coelho
1ª Edição - 2024

Pareceristas *ad hoc* para a presente obra:

Dr. Fábio Darius

Dra. Rebeca Pizza

Dr. Rodrigo Follis

Dra. Sílvia Quadros

Dra. Vanessa Meira

Dr. Isaac Malheiros

Sumário

PREFÁCIO 7

Dr. Fábio Darius

INTRODUÇÃO 8

Silvia Quadros

Rodrigo Follis

Educação que transforma:
entre a razão, a linguagem e o sagrado 9

Razão, fé e ciência:
os encontros possíveis..... 10

Educação em territórios de resistência:
o cárcere como espaço pedagógico..... 10

Argumentar é existir:
linguagem, crítica e emancipação 11

A unidade possível:
práticas que transformam..... 12

A história do surgimento deste livro:
o primeiro de muitos? 13

**DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS:
FÉ, ENSINO E APRENDIZAGEM..... 15**

Zarife Magalhães de Moraes Rojas

Introdução..... 16

Fundamentação teórica..... 18

Metodologia 24

Resultados e discussão 26

Recomendações a partir dos principais achados 29

Considerações finais..... 32

Referências..... 33

**INOVAÇÃO DIDÁTICA EM
CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO PRISIONAL..... 34**

Airlson Campos Rojas

Introdução.....	35
Fundamentação teórica.....	37
Metodologia.....	39
Análise e discussão dos resultados.....	41
Considerações finais.....	43
Referências.....	45

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO
ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO TEXTUAL..... 46**

Marcia Aparecida Gomes

Introdução.....	47
Referencial teórico.....	48
Caminho pedagógico percorrido (metodologia).....	50
Análise e discussão dos resultados.....	53
Considerações finais.....	56
Referências.....	59

POSFÁCIO..... 60

Silvia Quadros

Rodrigo Follis

Educar é reencantar: por uma pedagogia da esperança encarnada.....	61
Desafio final: transformar para reencantar.....	62

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES 64

Organizadores.....	65
Autores.....	66

ÍNDICE REMISSIVO..... 67

Prefácio

Este livro é uma daquelas obras que se impõem não apenas por aquilo que dizem, mas pelo que despertam. Ao reunir experiências e reflexões tão distintas — da sala de aula comum ao contexto prisional, da argumentação textual à integração entre fé e ciência — os textos aqui apresentados formam um todo coerente e, acima de tudo, necessário.

O leitor perceberá que esta não é uma coletânea teórica e distante, mas uma obra ancorada na realidade cotidiana do professor. Aqui, ensino e aprendizagem são compreendidos como experiências integrais, nas quais o saber não se separa do ser, e o conteúdo não se afasta dos valores. Há, em cada capítulo, o desejo sincero de contribuir para uma educação mais significativa, mais humana e mais espiritual — não no sentido confessional ou doutrinário, mas no sentido profundo de formar pessoas inteiras, capazes de agir com consciência, responsabilidade e esperança.

Trata-se de uma obra que aponta caminhos para professores que, mesmo em meio aos desafios diários, não abrem mão de educar com propósito. Uma leitura que honra a vocação docente e, ao mesmo tempo, desafia a reinventar a prática. Que este livro inspire novas ideias, novas atitudes e, sobretudo, novas formas de ensinar com sentido.

Dr. Fábio Darius
Diretor do Núcleo de Integração Fé e Ensino (NIFE) do Unasp.
Março de 2024

Introdução

Silvia Quadros

Rodrigo Follis



Educação que transforma: entre a razão, a linguagem e o sagrado

Vivemos um tempo marcado por contradições profundas. Por um lado, nunca se produziu tanto conhecimento, nem se teve acesso tão amplo à informação. Por outro, assistimos à crise da razão, da linguagem e da espiritualidade. Isso não é algo que ocorre apenas no campo educacional, mas nele temos algo que preocupa: espera-se da educação a mudança que queremos ver no mundo. Se esse campo estiver em crise, como poderemos ter esperanças de tempos melhores? Nessa encruzilhada histórica, educar tornou-se mais do que uma tarefa técnica: é um ato existencial e ético.

Ensinar é moldar consciências, cultivar liberdade, abrir horizontes. Nesse cenário, o presente livro se ergue como um convite à reflexão e à prática pedagógica transformadora — aquela que acolhe o conhecimento, mas também a fé, que forma para o pensamento crítico, mas também para o cuidado com o outro.

Este livro é composto por três capítulos que, embora tratem de realidades e temáticas diferentes, dialogam de maneira profunda e coerente. O primeiro capítulo aborda a integração entre fé, ensino e aprendizagem no ensino de ciências, discutindo os desafios e as possibilidades de uma abordagem pedagógica que valorize, ao mesmo tempo, o rigor científico e a cosmovisão cristã. O segundo capítulo trata da inovação didática no ensino de ciências dentro do sistema prisional, refletindo sobre a potência de metodologias ativas mesmo em contextos de extrema precariedade e vulnerabilidade social. O terceiro capítulo investiga as práticas pedagógicas voltadas para o ensino da argumentação textual, trazendo à tona a importância de formar estudantes capazes de pensar, argumentar e se posicionar criticamente diante do mundo.

Embora distintos em seus recortes, os três capítulos partem de uma mesma convicção: a de que a educação pode (e deve) transformar — não apenas os saberes, mas também os sujeitos e as sociedades. Seja na ciência, seja na prisão, quando a própria educação se mostrou falha, seja na fé. A esperança de pessoas e um mundo melhor é cíclica e não se esgota nem mesmo quando parece que temos ali a última chance. Essa transformação, no entanto, não é

automática. Ela exige intencionalidade, compromisso ético e uma profunda revisão de nossas práticas pedagógicas.

Razão, fé e ciência: os encontros possíveis

No primeiro capítulo, os autores nos convidam a repensar a tradicional dicotomia entre ciência e fé, especialmente dentro do contexto das escolas confessionais. Em vez de enxergá-las como campos opostos, o texto propõe uma integração possível e desejável, na qual os saberes científicos e os valores cristãos dialogam sem perder suas especificidades. Essa integração — chamada de IFEA (Integração Fé, Ensino e Aprendizagem) — é compreendida como uma proposta pedagógica que não apenas respeita os limites do método científico, mas também amplia o sentido da aprendizagem ao incluir questões existenciais, éticas e espirituais.

Trata-se, portanto, de uma visão educativa que reconhece que os estudantes não são apenas cérebros que aprendem, mas pessoas que buscam sentido. O ensino de ciências, quando mediado por práticas investigativas, metodologias ativas e uma postura dialógica diante da fé, torna-se não apenas mais eficaz, mas mais significativo. Nesse sentido, a transformação não ocorre apenas no conteúdo, mas na maneira de ensinar — e, sobretudo, na maneira de conceber o ser humano em sua totalidade.

Educação em territórios de resistência: o cárcere como espaço pedagógico

O segundo capítulo expande esse horizonte ao nos conduzir ao universo da educação prisional — um campo marcado por inúmeras ausências: de recursos, de tempo, de continuidade, de dignidade. Podemos dizer que os presos estão ali justamente devido a uma falha moral e, por que não, educacional. Foi por esses mecanismos terem falhados que o crime aconteceu. Nesse contexto, ensinar ciências parece, à primeira vista, um gesto quase utópico

e, para alguns, até mesmo perigoso. Mas é justamente aí que o texto nos surpreende: ao mostrar que, mesmo sob severas limitações estruturais, é possível realizar uma educação significativa, desde que esta seja guiada por metodologias inovadoras, adaptativas e centradas na realidade dos estudantes.

A força desse capítulo está em mostrar que a transformação educativa não depende exclusivamente de estruturas sofisticadas, mas de professores comprometidos com a humanização do ensino. Em contextos em que o conhecimento costuma ser negado ou distorcido, como no cárcere, ensinar ciências é um ato de resistência e esperança. Ou seja, é um ato também de fé na humanidade e no poder dela se transformar, mesmo em seus piores momentos. E inovar, nesse caso, é sobretudo adaptar: transformar a ausência de laboratórios em experiências simbólicas, a falta de recursos em criatividade pedagógica, a rotina do isolamento em oportunidade de reflexão crítica sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre, afinal, o que nos faz seres humanos.

O ensino de ciências em contextos prisionais, ao incluir metodologias como o ensino investigativo, a aprendizagem baseada em projetos e a gamificação, revela que a ciência pode, sim, ser uma linguagem de libertação — ainda que, paradoxalmente, ensinada entre grades. Assim, o professor não apenas ensina biologia ou química: ele abre janelas para o mundo, acende perguntas, devolve ao aluno a condição de sujeito do próprio pensamento. E, se isso for feito à luz da primeira discussão, na qual a fé e a ciência encontram-se juntas, pode haver esperança de um futuro melhor.

Argumentar é existir: linguagem, crítica e emancipação

Fechando o tripé do livro, o terceiro capítulo nos leva à seara da linguagem, mais especificamente à formação da competência argumentativa nos estudantes. Em um tempo em que a polarização, o discurso de ódio e a desinformação ganham espaço, o ensino da argumentação se torna um imperativo ético e pedagógico. Ensinar a argumentar é ensinar a pensar, a ouvir, a pon-

derar, a respeitar o outro. É formar cidadãos capazes de participar de debates públicos com consciência e responsabilidade.

O texto mostra que muitos estudantes enfrentam grandes dificuldades para escrever textos argumentativos, muitas vezes por falta de repertório, de clareza estrutural ou de incentivo ao pensamento crítico. Aqui voltamos, de certa maneira certa, ao que temos abordado anteriormente: a falha social e moral parte também da falha do sistema educacional. Contra isso, os autores propõem uma série de práticas didáticas baseadas em modelos discursivos, escrita colaborativa, debates em sala de aula e uso de gêneros reais. A ênfase está em construir uma prática pedagógica que respeite os diferentes níveis de desenvolvimento dos alunos, no contexto em que eles estiverem, mas que os desafie a crescer, a reescrever, a argumentar melhor. Ou seja, não importa onde eles estão, mas para onde eles devem ir.

O impacto de tais práticas vai muito além do domínio linguístico: ele reverbera na formação ética e cidadã dos estudantes, pois os convida a se posicionar no mundo de maneira crítica e responsável. Se, no capítulo anterior, a ciência era ensinada como possibilidade de liberdade, aqui a linguagem aparece como ferramenta de emancipação. Se, no primeiro capítulo a fé era a base de uma integralidade real que possibilita o humano ser quem Deus o fez para ser, aqui temos a concretude de tal realização justamente na boa argumentação. Uma argumentação que se dá dentro do mundo, mas que ajuda a cada estudante a se ver para além desse mesmo mundo.

A unidade possível: práticas que transformam

O título deste livro não é gratuito. *Práticas que transformam* não remete apenas a boas ideias pedagógicas, mas a um ethos educativo que atravessa os três capítulos: a crença de que a sala de aula (ocorrendo onde ela ocorrer) é um lugar de possibilidades. Acredita-se que o ensino pode unir fé e razão, ciência e ética, linguagem e cidadania. Que, mesmo em contextos adversos, a educação pode ser um espaço de dignidade, de escuta e de reencantamento com o saber.

Cada um dos capítulos traz evidências, análises e proposições concretas para que essa transformação aconteça. Mas o elo comum está na figura do professor — esse sujeito que, entre limites e possibilidades, se coloca como ponte entre o mundo, Deus e o aluno. Não como alguém que cobra pedágio para unir esses mundos. Mas como um mediador entre eles. É o professor quem media a integração entre fé e ensino. É ele quem adapta estratégias para alunos privados de liberdade. É ele quem insiste no ensino da argumentação como prática crítica. É ele quem dá esperança. Uma esperança que não nasce dele, mas que nele encontra uma ponte didática para ser ensinada aos outros.

Este livro é, portanto, uma homenagem à docência comprometida, crítica e criativa. Uma convocação para que educadores e educadoras olhem para suas práticas e se perguntem: o que, de fato, estou transformando? A quem meu ensino serve? Que tipo de humanidade estou ajudando a formar? Que Deus estou apresentando a meus alunos? Que tipo de ponte tenho sido eu? Ao final da leitura, esperamos que essas perguntas não se caíem — mas que se tornem motor de novas práticas, de novas inquietações e, sobretudo, de novas esperanças.



A história do surgimento deste livro: o primeiro de muitos?

Este livro nasce de um solo fértil: as dissertações defendidas no Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). As pesquisas aqui reunidas foram selecionadas por sua qualidade acadêmica, pela relevância social dos temas abordados e, sobretudo, por apresentarem práticas pedagógicas concretas que podem inspirar outros professores. Esta obra, portanto, é mais do que uma compilação de estudos: ela é a primeira expressão de um projeto maior, que valoriza o professor como sujeito

transformador da educação. Se bem acolhida, esta publicação poderá abrir espaço para uma série de outras obras dedicadas ao mesmo propósito — refletir, valorizar e formar professores para os desafios contemporâneos. Este livro integra o ecossistema do projeto *Escolas em Rede* (www.escolasemrede.com.br), iniciativa que articula pesquisa, prática e inovação educacional. O projeto, iniciado em 2024, inclui o podcast Educação Integral, o aplicativo Escolas em Rede e outras frentes voltadas à discussão da Educação Básica, da internacionalização da educação e do fortalecimento de redes colaborativas.

Tudo isso está vinculado aos grupos de pesquisa do mestrado, como o GELI — *Gestão, Liderança e Inovação*, que busca investigar e apoiar experiências educacionais que tenham impacto real e duradouro. Assim, esta obra não apenas apresenta experiências transformadoras, mas faz parte de uma rede viva de transformação em curso.

Didática das ciências: fé, ensino e aprendizagem

Zarife Magalhães de Moraes Rojas



Introdução

O ensino de ciências tem sido historicamente marcado por uma abordagem transmissiva, centrada na figura do professor e no uso de livros didáticos como principal recurso pedagógico. Esse modelo tradicional, embora amplamente utilizado, apresenta limitações significativas. A ênfase excessiva na memorização de conceitos teóricos e na reprodução de conteúdos pré-estabelecidos reduz o envolvimento dos alunos e compromete o desenvolvimento de habilidades investigativas e críticas, fundamentais para a compreensão da ciência como um processo dinâmico e experimental (Rosa; Schnetzler, 2003, p. 27-28).

A necessidade de transformar essa realidade tem sido amplamente discutida por pesquisadores da área da educação científica. Estudos indicam que metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a abordagem STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e o ensino investigativo, podem contribuir significativamente para um aprendizado mais significativo e contextualizado. No entanto, a implementação dessas práticas inovadoras ainda enfrenta desafios, especialmente em ambientes escolares onde a infraestrutura e a formação docente não são adequadas para apoiar tais mudanças.

Além disso, um dos maiores desafios no ensino de ciências é torná-lo relevante para os alunos, conectando os conteúdos abordados em sala de aula com a realidade do cotidiano e os avanços tecnológicos. A ausência dessa conexão pode resultar em desmotivação e na percepção da ciência como algo distante da experiência prática dos estudantes.

Associado a isso, nas escolas confessionais, o ensino de ciências apresenta desafios adicionais, pois é necessário conciliar o conhecimento científico com a visão de mundo fundamentada na fé. Enquanto a ciência busca explicar fenômenos naturais por meio da observação e experimentação, a fé traz dimensões filosóficas e teológicas que transcendem o método empírico (Brand, 2006). Esse cenário levanta questionamentos sobre como integrar essas perspectivas de maneira coerente, sem comprometer a qualidade do ensino

ou gerar conflitos conceituais entre ciência e religião (Antunes; Silva, 2015). Para ajudar nessa tarefa, várias instituições confessionais adotam um modelo de ensino que enfatiza a importância da integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA). Esse conceito propõe que o conhecimento científico e a cosmovisão cristã sejam vistos como complementares e precisando ser abordados juntos (Knight, 2021; Souza, 2022).

No entanto, muitos professores encontram dificuldades ao implementar essa abordagem, seja por falta de materiais didáticos específicos, seja pela necessidade de maior formação na área. Outro desafio relevante é garantir que a integração entre fé e ensino ocorra de forma natural, sem que a ciência seja reduzida a uma justificativa religiosa ou que a religião seja diluída para acomodar interpretações científicas (Usarski, 2013). Para que isso aconteça, é fundamental que os docentes tenham uma compreensão clara de como a ciência opera dentro de seus próprios limites metodológicos, ao mesmo tempo em que reconhecem a relevância da espiritualidade na formação completa dos alunos.

Dessa forma, a necessidade de modelos pedagógicos inovadores, que conciliem o rigor científico com os valores da fé, torna-se evidente. Estratégias como o ensino por investigação, a contextualização dos conteúdos e a utilização de metodologias ativas são algumas das alternativas que podem auxiliar nesse processo. Além disso, a formação continuada dos professores desempenha um papel central, pois permite que adquiram ferramentas para lidar com esses desafios de forma mais segura e eficaz. Diante dos desafios mencionados na contextualização e na realidade do ensino de ciências em escolas confessionais, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a percepção dos professores de uma rede de educação confessional sobre a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA), bem como analisar o impacto de um curso on-line de autoformação na implementação de metodologias inovadoras no ensino de ciências. Além do objetivo central, a pesquisa busca responder às seguintes questões específicas:

- Como os professores de ciências percebem e experienciam a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA) em suas práticas pedagógicas?

- Quais elementos curriculares são considerados essenciais para a inovação didática no ensino de ciências em escolas confessionais?
- Qual o impacto de um curso on-line de autoformação na percepção e na prática dos professores em relação à inovação didática e às boas práticas de ensino com integração fé e ensino?

A partir desses questionamentos, a pesquisa pretende oferecer subsídios para o desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas que possibilitem uma abordagem mais eficaz e contextualizada do ensino de ciências em ambientes confessionais. Além disso, busca-se contribuir para a formação continuada dos professores, fornecendo ferramentas que os auxiliem na implementação de práticas inovadoras e na superação dos desafios inerentes à IFEA. A investigação não apenas visa compreender as dificuldades enfrentadas pelos docentes, mas também propor soluções viáveis que possam ser aplicadas em sala de aula, promovendo um ensino de ciências que seja, ao mesmo tempo, cientificamente rigoroso e coerente com os princípios da fé cristã.

Fundamentação teórica

A fundamentação teórica desta pesquisa é baseada em três eixos principais: (1) a relação entre ciência e religião no contexto educacional, (2) o ensino de ciências em escolas confessionais e seus desafios específicos e (3) metodologias inovadoras que podem auxiliar na implementação da integração fé e ensino. Esses temas fornecem o suporte conceitual necessário para compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores e para propor soluções pedagógicas eficazes.

Relação entre ciência e religião na educação

A relação entre ciência e religião tem sido historicamente marcada por períodos de tensão e colaboração (Harrison, 2007). Durante séculos, predominou a visão de que essas duas esferas do conhecimento estavam em conflito. No entanto, pesquisadores modernos defendem uma abordagem mais

integradora, destacando que ciência e fé possuem domínios distintos, mas complementares (Rodrigues et al. 2012). No contexto educacional, a interação entre ciência e religião levanta questionamentos sobre como abordar temas científicos em escolas confessionais sem comprometer a objetividade científica ou os princípios de fé. Há quatro formas principais de interação entre ciência e religião:

- *Conflito*: quando uma visão nega ou rejeita a outra.
- *Independência*: quando ciência e religião são vistas como áreas completamente separadas.
- *Diálogo*: quando há reconhecimento de interseções entre as duas perspectivas.
- *Integração*: quando se busca um modelo que harmonize os conhecimentos científicos e espirituais.

No contexto da rede confessional a qual pesquisamos, a abordagem defendida se alinha ao modelo de *integração*, no qual se busca ensinar ciências com um olhar que respeite os princípios bíblicos sem comprometer o método científico. Esse modelo exige uma abordagem didática bem estruturada, evitando tanto a imposição de uma visão religiosa na ciência quanto a diluição da fé diante dos avanços científicos. Nesse sentido, a educação científica deve, portanto, proporcionar aos alunos uma compreensão clara do método científico e de seus limites, ao mesmo tempo em que lhes permite refletir sobre questões filosóficas e espirituais relacionadas à existência humana e à origem do universo. Sendo assim, podemos dizer que a maneira como os professores lidam com essa questão impacta diretamente na percepção dos alunos sobre a compatibilidade entre ciência e fé.

O ensino de ciências em escolas confessionais

O ensino de ciências em escolas confessionais apresenta particularidades que o diferenciam do ensino em instituições laicas. Nessas escolas, a educação não é vista apenas como um processo de transmissão de conhecimento

acadêmico, mas também como parte de uma formação integral, que envolve dimensões cognitivas, emocionais, morais e espirituais. Essa abordagem amplia os desafios para os professores, que precisam equilibrar o rigor científico com os valores religiosos da instituição.

Na rede pesquisada, a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA) é um dos pilares do currículo. Isso significa que os conteúdos científicos devem ser ensinados de maneira a estimular o pensamento crítico dos alunos, sem comprometer os princípios da fé cristã. No entanto, um dos desafios centrais desse modelo é garantir que a ciência seja ensinada com precisão e objetividade, evitando interpretações distorcidas ou simplificadas para adequá-las a uma perspectiva específica de mundo.

Um dos dilemas enfrentados pelos docentes em escolas confessionais é a forma como abordar temas potencialmente controversos, como a origem do universo e da vida. Há uma necessidade de criar um espaço de diálogo e reflexão crítica, no qual os alunos possam compreender tanto os fundamentos científicos quanto as perspectivas religiosas sobre essas questões. Para isso, é essencial que os professores estejam preparados para lidar com a complexidade desses temas e saibam apresentar diferentes perspectivas de maneira equilibrada.

Outro ponto relevante a ser considerado é a escassez de materiais didáticos específicos que auxiliem os professores na integração fé e ensino sem comprometer a qualidade do ensino de ciências. Muitos dos livros didáticos utilizados em escolas confessionais são os mesmos adotados em escolas laicas, o que pode gerar lacunas na abordagem da cosmovisão cristã dentro do currículo. Dessa forma, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras que permitam a contextualização dos conteúdos científicos dentro do modelo IFEA. Nesse sentido, se faz necessário a formação continuada. Muitos professores não receberam, em sua formação inicial, preparo específico para lidar com a integração fé e ensino. Isso reforça a importância de cursos de capacitação e materiais de apoio que ofereçam subsídios para que possam aplicar essa abordagem com segurança e eficácia.

Metodologias inovadoras no ensino de ciências

A necessidade de tornar o ensino de ciências mais dinâmico e significativo tem levado pesquisadores e educadores a buscar metodologias inovadoras que favoreçam a participação ativa dos alunos e estimulem o pensamento crítico. Em escolas confessionais, onde a integração fé e ensino é um objetivo central, essas metodologias podem ser adaptadas para promover um ensino que seja, ao mesmo tempo, cientificamente rigoroso e alinhado a princípios cristãos. Dentre as principais abordagens inovadoras, destacam-se:

- *Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL)* – Essa metodologia propõe a resolução de problemas reais como ponto de partida para a construção do conhecimento. No ensino de ciências, pode ser utilizada para abordar temas como saúde, meio ambiente e biotecnologia, incentivando os alunos a buscar soluções com base no método científico. Em um contexto confessional, a PBL pode incluir discussões sobre ética e responsabilidade social à luz dos valores cristãos.
- *Abordagem STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática)* – O ensino STEM enfatiza a interdisciplinaridade e a aplicação do conhecimento científico em situações práticas. Em escolas confessionais, essa abordagem pode ser enriquecida com reflexões sobre o papel da ciência na preservação da criação e no cuidado com o próximo, alinhando inovação tecnológica com princípios éticos.
- *Ensino por Investigação* – Nessa abordagem, os alunos são incentivados a formular perguntas, levantar hipóteses e testar ideias por meio de experimentação. Isso desenvolve a autonomia e a capacidade analítica, permitindo que a ciência seja aprendida de forma mais interativa. No modelo IFEA, essa metodologia pode ser aplicada para estimular reflexões sobre as maravilhas do mundo natural e a complexidade da vida.
- *Arco de Maguerez* – Esse método parte da observação da realidade, passa pela teorização e chega à aplicação prática do conhecimento. Ele pode ser usado para desenvolver projetos interdisciplinares, nos

quais os alunos investigam problemas ambientais ou de saúde pública sob uma perspectiva científica e cristã (Martins; Silveira, 2022).

- *Gamificação e Aprendizagem Ativa* – O uso de jogos, simulações e desafios em sala de aula pode aumentar o engajamento dos alunos e facilitar a compreensão de conceitos complexos. Em escolas confessionais, essas ferramentas podem ser usadas para contextualizar temas científicos dentro de uma abordagem que valorize princípios de cooperação, ética e respeito ao meio ambiente.

A implementação dessas metodologias exige um processo contínuo de formação docente e adaptação curricular. Além disso, é fundamental que os professores tenham acesso a materiais didáticos específicos que os auxiliem na aplicação dessas estratégias dentro da proposta de integração fé e ensino. As metodologias inovadoras não apenas tornam o ensino mais eficaz e envolvente, mas também ajudam a superar a visão de que ciência e fé são incompatíveis. Quando aplicadas corretamente, essas abordagens mostram que a busca pelo conhecimento científico pode estar alinhada a uma visão cristã de mundo, promovendo um aprendizado que valoriza tanto a investigação quanto a reflexão sobre questões existenciais e éticas.

A importância da formação continuada dos professores

A qualificação docente é um dos fatores mais determinantes para a qualidade do ensino de ciências, especialmente em escolas confessionais que buscam integrar fé e ensino. No contexto de redes confessionais de educação, os professores desempenham um papel central na implementação da integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA), mas muitas vezes enfrentam dificuldades devido à falta de formação específica para lidar com essa abordagem de maneira equilibrada e eficaz.

A formação inicial dos professores de ciências, em sua maioria, segue um modelo tradicional que prioriza a transmissão de conteúdos científicos sem aprofundar questões relacionadas à filosofia da ciência, à epistemologia ou às implicações éticas e religiosas do conhecimento científico. Isso gera um desafio peda-

gógico, pois, ao ingressarem em escolas confessionais, muitos docentes se veem diante da necessidade de conciliar uma abordagem científica rigorosa com uma visão cristã de mundo, sem terem recebido preparo adequado para essa tarefa.

Para superar essa lacuna, a formação continuada se torna essencial. A atualização dos professores por meio de cursos, oficinas e materiais de apoio contribui para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras e para a construção de um ensino que seja cientificamente fundamentado e, ao mesmo tempo, sensível às questões de fé. Os professores que atuam no contexto da IFEA enfrentam desafios significativos para integrar ciência e fé de maneira equilibrada e eficaz. Um dos principais obstáculos é a falta de recursos didáticos específicos, que possam auxiliar nessa abordagem sem comprometer o rigor científico ou os princípios confessionais. A ausência de materiais estruturados torna o processo de ensino mais desafiador, exigindo que os docentes adaptem conteúdos por conta própria. Além disso, a ausência de espaços de diálogo e troca de experiências entre professores também se mostra um obstáculo, dificultando a construção de um repertório coletivo de boas práticas na aplicação da IFEA. Muitos docentes enfrentam esses desafios de forma isolada, sem acesso a redes de apoio ou oportunidades de compartilhar estratégias bem-sucedidas.

Para enfrentar essas dificuldades, torna-se essencial que as escolas confessionais invistam na capacitação contínua dos docentes. Algumas iniciativas que podem contribuir para esse processo incluem a oferta de cursos de autoformação on-line, nos quais os professores possam aprender no próprio ritmo, explorando conteúdos voltados para a integração fé e ensino. Além disso, a criação de comunidades de prática pode facilitar a troca de experiências e o compartilhamento de estratégias pedagógicas eficazes.

Assim, o investimento na formação continuada não apenas fortalece o trabalho docente, mas também contribui para um ensino de ciências mais significativo, no qual os alunos são estimulados a desenvolver uma visão crítica e integrada da realidade. Quando os professores estão bem-preparados, conseguem apresentar a ciência de forma clara e acessível, ao mesmo tempo em que promovem reflexões profundas sobre as implicações filosóficas e espirituais do conhecimento científico.

Metodologia

A presente pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos para analisar a percepção dos professores sobre a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA) e avaliar o impacto de um curso on-line de autoformação na inovação didática do ensino de ciências em escolas confessionais. A metodologia foi estruturada em quatro etapas principais: (1) caracterização dos participantes, (2) aplicação de questionários, (3) desenvolvimento do curso de autoformação e (4) análise dos dados.

Natureza da pesquisa

Este estudo tem um caráter exploratório e descritivo, pois busca investigar as percepções dos professores e identificar tendências e desafios na implementação da IFEA no ensino de ciências. A abordagem mista permitiu uma análise mais abrangente, combinando dados quantitativos, obtidos por meio de questionários estruturados, com dados qualitativos, analisados a partir de respostas abertas e da interação dos participantes no curso on-line. A pesquisa também pode ser classificada como um estudo de intervenção, pois inclui a aplicação de um curso on-line de autoformação, seguido da avaliação de seu impacto na prática dos professores. Esse modelo permitiu não apenas compreender as dificuldades enfrentadas pelos docentes, mas também propor soluções concretas para a melhoria do ensino de ciências em escolas confessionais.

Caracterização dos participantes

Os participantes da pesquisa foram professores de ciências de uma importante rede confessional de educação, atuando no ensino fundamental e médio. A seleção dos docentes foi feita de forma voluntária, mediante convite enviado por meio de plataformas institucionais da rede. Os critérios de inclusão foram: (1) ser professor de ciências nessa rede educacional; (2) ter interesse em participar da pesquisa e do curso de autoformação; e (3) responder ao questionário inicial e final. Os participantes pertenciam a diferentes regiões do

Brasil, permitindo uma análise mais ampla sobre a implementação da IFEA no ensino de ciências em contextos variados.

Instrumentos de coleta de dados

A pesquisa adotou dois questionários on-line e um curso de autoformação como principais instrumentos de coleta de dados. O questionário inicial foi aplicado antes do curso, com o objetivo de mapear a percepção dos professores sobre a integração fé e ensino, identificar os desafios enfrentados e compreender quais metodologias didáticas eram mais utilizadas no ensino de ciências.

Como intervenção pedagógica, foi desenvolvido um curso on-line de autoformação, voltado para a aplicação de práticas inovadoras no contexto da IFEA. O curso incluiu vídeos explicativos, materiais de leitura e atividades interativas, permitindo que os professores explorassem estratégias para aprimorar a integração fé e ensino em suas práticas pedagógicas. Após a conclusão do curso, foi aplicado um questionário final, com o intuito de avaliar o impacto da formação na percepção dos professores e identificar possíveis mudanças em suas abordagens didáticas.

Os questionários foram estruturados com perguntas fechadas, utilizando a escala Likert para mensuração de tendências, e abertas, permitindo uma análise mais aprofundada das experiências e percepções dos docentes. Essa combinação possibilitou tanto uma interpretação quantitativa dos dados quanto uma abordagem qualitativa das respostas, fornecendo uma visão abrangente sobre os efeitos da formação na prática pedagógica dos professores. Todo o material passou pelo comitê de ética em pesquisa e foi aprovado seguindo os critérios estabelecidos e exigido para tal pesquisa.

Procedimentos de análise

Os dados coletados na pesquisa foram analisados com o suporte de dois softwares, permitindo uma abordagem complementar entre análise qualitativa e quantitativa. O WebQDA® foi utilizado para examinar as respostas abertas dos participantes, possibilitando a identificação de padrões e categorias emergentes relacionadas à percepção dos professores sobre a IFEA. Essa ferramenta

permitiu uma interpretação mais aprofundada das narrativas docentes, revelando nuances importantes sobre os desafios e potencialidades da integração fé e ensino.

Já o JASP® foi empregado na análise quantitativa dos dados obtidos por meio dos questionários estruturados. Esse software possibilitou a mensuração de tendências e correlações entre as variáveis estudadas, oferecendo uma visão estatística sobre como os professores percebem e aplicam a IFEA em suas práticas pedagógicas. A combinação dessas duas abordagens garantiu uma análise mais abrangente e detalhada dos resultados da pesquisa.

A triangulação dos dados qualitativos e quantitativos possibilitou uma visão mais completa sobre o impacto do curso de autoformação na prática dos docentes e sobre os desafios enfrentados na integração fé e ensino no ensino de ciências.

Resultados e discussão

Nesta seção, apresentamos os principais achados da pesquisa, analisando as percepções dos professores sobre a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA) e o impacto do curso on-line de autoformação na inovação didática do ensino de ciências. Os resultados foram organizados em quatro categorias principais: (1) percepção dos professores sobre a IFEA, (2) elementos curriculares essenciais para a inovação didática, (3) impacto do curso on-line de autoformação e (4) benefícios e desafios identificados.

Percepção dos professores sobre a integração fé e ensino

Os dados coletados no questionário inicial revelam que, embora a maioria dos professores reconheça a importância da IFEA, muitos enfrentam dificuldades na aplicação dessa abordagem em sala de aula. Como argumentamos na teorização, um dos desafios mais recorrentes é a falta de materiais didáticos específicos. Eles serviram para que se possa apoiar a integração entre ciência e fé de maneira estruturada e equilibrada. Além disso, os docentes relatam dificuldades em equilibrar a objetividade científica com os valores religiosos, especialmente na explicação de conceitos como evolução e origem da vida, o

que evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas mais refinadas para lidar com esses temas. Outro obstáculo identificado é a ausência de formação específica na graduação ou na pós-graduação sobre como implementar a IFEA no ensino de ciências, o que gera insegurança na adoção dessa abordagem.

Apesar dessas dificuldades, os professores também apontaram aspectos positivos da IFEA e suas possibilidades para tornar o ensino de ciências mais contextualizado e significativo. Muitos percebem que essa abordagem proporciona uma maior reflexão interdisciplinar, conectando diferentes áreas do conhecimento e ampliando o escopo das discussões em sala de aula. Além disso, relataram que a integração entre ciência e fé pode aumentar o engajamento dos alunos, que passam a ver os conteúdos científicos como mais relevantes e alinhados à sua visão de mundo. Outro ponto destacado foi o potencial da IFEA para estimular o pensamento crítico, promovendo debates mais aprofundados sobre questões científicas e filosóficas.

Esses resultados indicam que, embora existam desafios consideráveis, há um potencial significativo para aprimorar a implementação da IFEA no ensino de ciências, desde que os professores recebam suporte adequado por meio de formação continuada, materiais didáticos específicos e estratégias pedagógicas inovadoras.

Elementos curriculares essenciais para a inovação didática

Os professores participantes identificaram alguns elementos essenciais para que a IFEA seja aplicada de maneira mais eficaz no ensino de ciências. Um dos pontos mais enfatizados foi a adoção de metodologias ativas, como o ensino por investigação, a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e a abordagem STEM. Essas estratégias foram apontadas como ferramentas que tornam as aulas mais dinâmicas e participativas, favorecendo a integração entre ciência e fé de forma natural e interativa.

Outro aspecto amplamente mencionado foi a necessidade de materiais didáticos adaptados. Os docentes destacaram a importância de contar com livros, vídeos e outros recursos pedagógicos que conciliem precisão científica e valores cristãos. Muitos sugeriram a criação de guias didáticos específi-

cos que auxiliem na implementação da IFEA e forneçam suporte pedagógico mais estruturado.

Além disso, os professores ressaltaram a falta de espaços de discussão para troca de experiências e compartilhamento de boas práticas sobre a IFEA. Muitos relataram que enfrentam dificuldades de forma isolada, sem um ambiente colaborativo que possibilite a construção coletiva de estratégias mais eficazes para a integração fé e ensino.

Outro ponto relevante foi a necessidade de um aprofundamento na epistemologia da ciência. Os docentes destacaram a importância de compreender melhor os fundamentos do conhecimento científico e seus limites, evitando uma abordagem reducionista ou superficial ao tratar de temas complexos. Esse conhecimento pode proporcionar maior segurança na aplicação da IFEA e ajudar os professores a lidarem com questões desafiadoras de forma mais fundamentada.

Os dados indicam que a inovação didática, aliada à formação continuada, pode contribuir significativamente para que os professores apliquem a IFEA de forma mais estruturada e eficaz. Investir nessas áreas não apenas amplia as possibilidades de ensino, mas também fortalece a confiança dos docentes na implementação dessa abordagem.

Impacto do curso on-line de autoformação

Os resultados do questionário final, aplicado após a participação no curso on-line, demonstram um impacto positivo na percepção dos professores sobre a viabilidade da inovação didática no ensino de ciências com IFEA. Observou-se um aumento da confiança dos docentes na aplicação dessa abordagem em sala de aula, além de uma maior compreensão sobre como metodologias ativas podem ser utilizadas na prática. Houve também uma redução da resistência em abordar temas científicos desafiadores no contexto confessional, permitindo uma abordagem mais equilibrada e fundamentada. Outro aspecto relevante foi a valorização do pensamento crítico como um elemento essencial na relação entre ciência e fé. Além disso, os professores relataram que o curso contribuiu para uma visão mais integrada da ciência e da fé, enfatizando que ambas podem coexistir de maneira harmoniosa no ambiente escolar.

Benefícios e desafios identificados

Com base na análise dos dados, foram identificados benefícios e desafios que devem ser considerados para o aprimoramento da IFEA no ensino de ciências. Entre os principais benefícios, destaca-se o maior engajamento dos alunos, que passam a perceber uma conexão mais clara entre ciência e fé. Além disso, observa-se o desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação científica e filosófica, permitindo uma compreensão mais profunda dos conteúdos. A possibilidade de uma abordagem interdisciplinar também se apresenta como um ponto positivo, enriquecendo o aprendizado e promovendo uma visão mais ampla do conhecimento. Outro aspecto relevante é o fortalecimento da identidade confessional da escola, sem que isso comprometa a qualidade acadêmica do ensino.

Por outro lado, alguns desafios ainda precisam ser superados. A falta de materiais didáticos específicos dificulta a implementação eficaz da IFEA, exigindo que os professores busquem alternativas por conta própria. A necessidade de formação continuada também se mostra essencial, uma vez que muitos docentes não receberam preparo adequado para integrar ciência e fé de maneira estruturada. Além disso, lidar com temas potencialmente controversos exige um equilíbrio cuidadoso para evitar interpretações superficiais ou conflitantes. Outro obstáculo identificado é a resistência inicial de alguns professores à adoção de metodologias inovadoras, seja por falta de familiaridade com essas abordagens ou por receios quanto à sua aplicabilidade em sala de aula.

Apesar desses desafios, os resultados indicam que há um caminho promissor para aprimorar o ensino de ciências em escolas confessionais. A formação continuada dos docentes e o desenvolvimento de recursos pedagógicos específicos para a IFEA representam estratégias fundamentais para consolidar essa abordagem, promovendo um ensino que seja, ao mesmo tempo, cientificamente rigoroso e alinhado aos princípios da fé cristã.

Recomendações a partir dos principais achados

A pesquisa demonstrou que a integração fé, ensino e aprendizagem (IFEA) no ensino de ciências em escolas confessionais é um processo desa-

fiador, mas viável, quando apoiado por estratégias pedagógicas inovadoras e formação docente contínua. Os resultados indicam que, embora os professores reconheçam a importância da IFEA, muitos enfrentam dificuldades na aplicação prática dessa abordagem, principalmente devido à falta de materiais didáticos específicos e à necessidade de maior preparo teórico e metodológico.

Por meio da aplicação do curso on-line de autoformação, observou-se que a capacitação dos professores pode impactar positivamente a forma como a IFEA é compreendida e aplicada em sala de aula. O curso proporcionou uma visão mais clara sobre o uso de metodologias ativas e incentivou os docentes a explorarem novas abordagens no ensino de ciências, promovendo um aprendizado mais dinâmico e contextualizado.

Síntese dos achados da pesquisa

Os principais achados do estudo indicam que, embora a maioria dos professores reconheça a importância da IFEA, muitos enfrentam desafios para aplicá-la de maneira estruturada em sala de aula. Entre as dificuldades apontadas, destacam-se a falta de formação específica, o receio de abordar temas potencialmente controversos e a carência de materiais didáticos adequados que possam apoiar essa integração de forma equilibrada e eficaz.

Apesar desses desafios, os dados revelam o potencial das metodologias ativas para facilitar a aplicação da IFEA no ensino de ciências. Estratégias como Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), ensino investigativo e abordagem STEM foram identificadas como ferramentas que podem tornar as aulas mais dinâmicas e contextualizadas, promovendo maior engajamento dos alunos e melhor compreensão dos conteúdos científicos.

Além disso, os professores que participaram do curso de autoformação relataram um impacto positivo na sua prática pedagógica. Após a capacitação, houve um aumento na confiança dos docentes para aplicar a IFEA, bem como um maior entendimento sobre a relação entre ciência e fé. Esses resultados reforçam a importância da formação continuada para que os professores possam implementar abordagens inovadoras com segurança e eficiência.

Propostas para aprimoramento da formação docente

Com base nos desafios e oportunidades identificados, algumas recomendações se mostram essenciais para fortalecer a implementação da IFEA no ensino de ciências. A criação de programas de formação continuada é uma das estratégias fundamentais, garantindo que cursos presenciais e on-line sejam disponibilizados regularmente para os professores. Essas formações devem abordar tanto a fundamentação teórica da IFEA quanto estratégias pedagógicas práticas, permitindo que os docentes desenvolvam maior segurança e eficiência na aplicação desse modelo.

Outra necessidade identificada é o desenvolvimento de materiais didáticos específicos, como livros, guias metodológicos e plataformas digitais que auxiliem na implementação da IFEA sem comprometer o rigor científico. Esses recursos podem oferecer suporte tanto para os professores quanto para os alunos, tornando a integração entre ciência e fé mais estruturada e acessível.

Além disso, o fortalecimento de comunidades de prática entre professores se mostra essencial para criar um ambiente de troca de experiências e desenvolvimento de boas práticas. Fóruns, grupos de discussão e encontros pedagógicos podem proporcionar apoio mútuo e incentivar a colaboração entre educadores que enfrentam desafios semelhantes. Por fim, há a necessidade de um maior incentivo à pesquisa educacional sobre a IFEA. Estudos contínuos podem contribuir para o aperfeiçoamento das estratégias de ensino e ampliar a compreensão sobre os desafios e oportunidades da integração entre ciência e fé. Investir na pesquisa educacional permitirá um embasamento mais sólido para a formação docente e para a produção de materiais que apoiem essa abordagem pedagógica.

Sugestões para pesquisas futuras

A presente pesquisa abre caminho para novas investigações sobre a aplicação da IFEA no ensino de ciências, permitindo um aprofundamento maior sobre seus desafios e possibilidades. Uma das direções promissoras para estudos futuros envolve a realização de estudos longitudinais, que possibilitem avaliar o impacto da formação continuada na prática pedagógica dos profes-

sores ao longo do tempo, observando como a implementação da IFEA evolui e quais fatores contribuem para sua consolidação.

Outra abordagem relevante seria a análise comparativa entre diferentes metodologias de ensino, a fim de identificar quais estratégias são mais eficazes para a integração entre fé e ciência. Essa investigação poderia fornecer insights valiosos sobre quais metodologias ativas, como o ensino por investigação, a aprendizagem baseada em problemas (PBL) e a abordagem STEM, apresentaram resultados melhores na aprendizagem dos alunos quanto ao equilíbrio do ensino de ciência e fé. Além disso, um aspecto ainda pouco explorado é a percepção dos alunos em relação à IFEA. Compreender como os estudantes enxergam a relação entre ciência e fé e como essa abordagem impacta seu aprendizado pode contribuir para aprimorar as estratégias pedagógicas e torná-las mais eficazes.

Por fim, destaca-se a necessidade do desenvolvimento e validação de novos materiais didáticos voltados especificamente para a integração fé e ensino no ensino de ciências. A criação de recursos pedagógicos estruturados, alinhados ao currículo e às necessidades dos professores, pode facilitar significativamente a aplicação da IFEA e fortalecer sua presença no ambiente escolar.

Considerações finais

A pesquisa reforça a ideia de que a ciência e a fé podem coexistir no ambiente escolar, desde que a abordagem pedagógica seja bem estruturada e respeite tanto o método científico quanto os princípios cristãos. A integração fé e ensino no ensino de ciências não deve ser vista como uma oposição entre conhecimento e crença, mas como uma oportunidade para enriquecer o aprendizado e proporcionar uma formação mais completa aos alunos.

A implementação da IFEA exige um compromisso institucional com a capacitação dos professores, o desenvolvimento de recursos pedagógicos adequados e a criação de espaços para o diálogo sobre os desafios e possibilidades dessa abordagem. Ao investir na formação continuada e na inovação didática, é possível fortalecer a identidade confessional das escolas sem comprometer a

qualidade científica, promovendo um ensino de ciências que seja, ao mesmo tempo, rigoroso, reflexivo, contextualizado e espiritual.

Referências

ANTUNES, R. R.; SILVA, A. P. Inteligência Espiritual – um bem educativo. **Revista de Educação**, v. 7, n. 1, p. 30-47, 2015.

BRAND, L. R. Uma perspectiva bíblica sobre a filosofia da ciência. **Origens**, v. 59, p. 6-42, 2006.

HARRISON, P. “Ciência” e “Religião”: construindo os limites. **Revista de Estudos da Religião**, v. 7, n. 1, p. 1-33, 2007.

KNIGHT, G. R. **Educando para a eternidade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

RODRIGUES, W.; SILVEIRA S.; MOTTA, R. Integração fé e ensino no Ensino Fundamental i: um estudo de caso no Colégio da Faculdade Adventista da Bahia. **Revista Formadores**, v. 4, n. 1, p. 43, 2012.

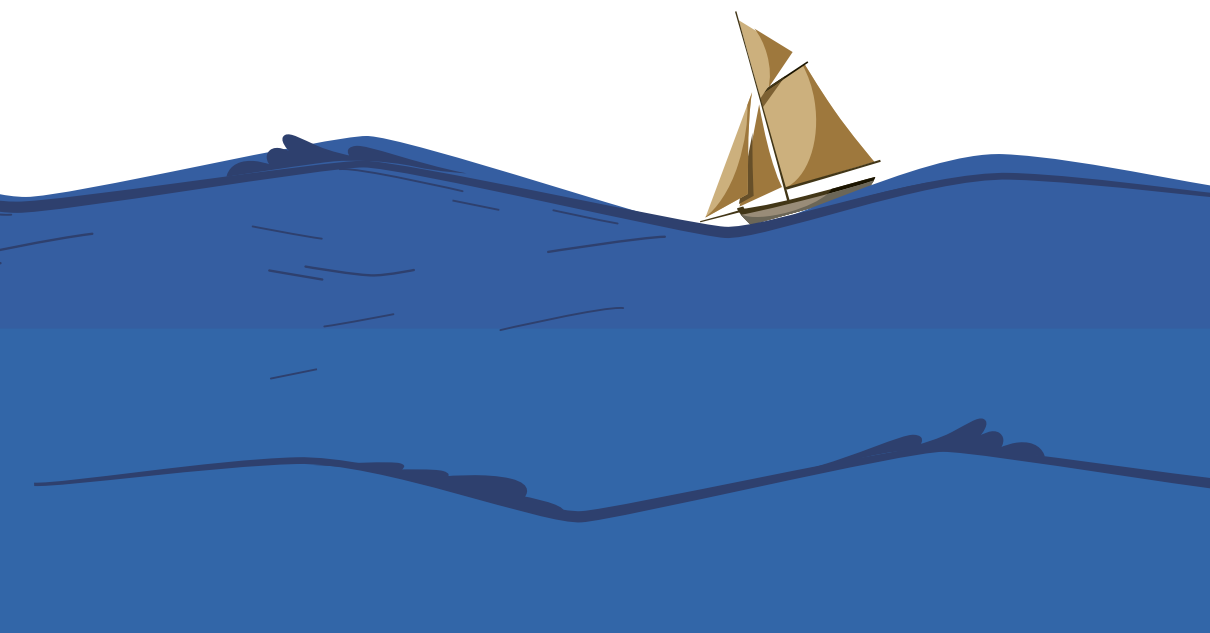
ROSA, M. I. F. P. S.; SCHNETZLER, R. P. A investigação-ação na formação continuada de professores de ciências. **Ciência & Educação**, v. 9, 2003.

SOUZA, N. F. **Didática da integração**: guia de elaboração e aplicação de projetos didáticos de boas-práticas na integração fé, ensino e aprendizagem. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2022.

USARSKI, F. História da ciência da religião. In: **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 51-62.

Inovação didática em ciências na educação prisional

Arlison Campos Rojas



Introdução

A educação prisional no Brasil enfrenta desafios estruturais e metodológicos que impactam diretamente a qualidade da aprendizagem e a ressocialização dos apenados. O acesso à educação é reconhecido como um direito fundamental, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Plano Nacional de Educação (PNE) e nas Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação para Jovens e Adultos em Situação de Privação de Liberdade. No entanto, a implementação de políticas educacionais em ambientes prisionais ainda esbarra em dificuldades como infraestrutura precária, escassez de materiais didáticos e a falta de formação específica para os docentes (José; Leite, 2020, p. 35).

O ensino de ciências nesse contexto apresenta desafios particulares. A aplicação de metodologias inovadoras, como a abordagem STEM (Science, Technology, Engineering, and Mathematics), tem se mostrado uma alternativa viável para tornar a aprendizagem mais dinâmica e significativa (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 4). Estratégias ativas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL) e a experimentação científica, podem contribuir para o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento de habilidades que extrapolam o ambiente escolar.

A oferta de educação nas prisões enfrenta desafios estruturais e pedagógicos que limitam a eficácia do ensino, especialmente no caso das disciplinas científicas. A infraestrutura precária, a escassez de materiais didáticos e a ausência de espaços adequados para experimentação são algumas das principais barreiras enfrentadas pelos docentes (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020, p. 72). Além disso, a alta rotatividade dos alunos devido a transferências e mudanças no regime de cumprimento de pena prejudica a continuidade do aprendizado e a aplicação de estratégias de ensino mais estruturadas.

No ensino de ciências, essas dificuldades são agravadas pela necessidade de experimentação e atividades práticas, componentes essenciais para o aprendizado da disciplina. A impossibilidade de utilizar substâncias químicas e equipamentos laboratoriais nas unidades prisionais impõe restrições ao trabalho dos professores, exigindo adaptações metodológicas para tornar as

aulas mais dinâmicas e interativas (Lobato et al., 2020, p. 94). Apesar desses desafios, há indícios de que a adoção de abordagens didáticas inovadoras pode melhorar significativamente o ensino de ciências na educação prisional. O uso de metodologias ativas, como o ensino baseado em problemas e a experimentação virtual, tem sido apontado como alternativas viáveis para tornar o aprendizado mais significativo e adaptado às condições do sistema prisional.

Diante desse cenário, torna-se fundamental discutir estratégias que permitam superar essas dificuldades, garantindo aos alunos privados de liberdade um ensino de ciências que seja ao mesmo tempo acessível e de qualidade. Assim, este capítulo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas inovadoras no ensino de ciências na educação prisional, identificando os desafios e possibilidades dessa abordagem. A pesquisa é fundamentada em estudos sobre educação prisional (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020), metodologias ativas no ensino de ciências (Hodson, 2014) e estratégias para a ressocialização por meio da educação (Lobato et al., 2020). Considerando esse cenário, o presente estudo busca investigar como práticas pedagógicas inovadoras podem contribuir para tornar o ensino mais acessível, estimulante e eficaz no contexto prisional. Além disso, os objetivos específicos podem ser definidos da seguinte maneira:

- Identificar os principais desafios enfrentados pelos professores no ensino de Ciências em ambientes prisionais.
- Desenvolver e aplicar uma sequência didática baseada em metodologias ativas e abordagens inovadoras (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 44).
- Avaliar as percepções dos professores e alunos sobre a eficácia das estratégias implementadas (Hodson, 2014, p. 179).
- Investigar o impacto das metodologias inovadoras na motivação e no desempenho acadêmico dos estudantes.

A justificativa para este estudo está fundamentada na necessidade de repensar as práticas pedagógicas adotadas no ensino de Ciências dentro das prisões. A literatura aponta que metodologias tradicionais, baseadas na memorização e na transmissão expositiva de conteúdos, apresentam resultados limitados

nesse contexto, uma vez que não estimulam o pensamento crítico nem favorecem a autonomia do aluno (Lobato et al., 2020, p. 135). Além disso, há uma lacuna na pesquisa educacional voltada para o ensino de Ciências na educação prisional. Estudos anteriores focam predominantemente na educação de jovens e adultos de maneira geral, sem considerar as especificidades desse ambiente. O presente estudo pretende contribuir para preencher essa lacuna, oferecendo evidências sobre a viabilidade e os benefícios de práticas pedagógicas inovadoras para esse público (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020, p. 85). Por fim, a relevância social deste estudo se justifica pelo papel da educação na ressocialização e na redução da reincidência criminal. Melhorar a qualidade do ensino de Ciências no sistema prisional pode ampliar as perspectivas dos detentos, aumentando suas chances de reintegração social e empregabilidade após o cumprimento da pena.

A estrutura deste capítulo está dividida em cinco seções. Inicialmente, apresenta-se uma contextualização da educação prisional no Brasil, destacando seus desafios e oportunidades. Em seguida, discute-se o referencial teórico que fundamenta o estudo, abordando conceitos sobre ensino de ciências e metodologias inovadoras. A terceira seção detalha a metodologia empregada, incluindo a abordagem qualitativa e os instrumentos de coleta de dados. Na sequência, são apresentados e analisados os resultados da pesquisa, com base nas percepções dos professores e alunos envolvidos. Por fim, as considerações finais sintetizam as principais conclusões e apontam direções para pesquisas futuras.

Fundamentação teórica

A educação prisional é um campo de estudo que envolve múltiplos desafios, desde questões estruturais e legais até abordagens metodológicas específicas para garantir o aprendizado dos detentos. O ensino de Ciências nesse contexto enfrenta dificuldades adicionais devido à necessidade de experimentação e à complexidade dos conceitos científicos. Diante disso, esta seção apresenta os principais referenciais teóricos que embasam a pesquisa, abordando a educação como direito humano, as características da educação multisseriada nas prisões e as contribuições das metodologias ativas para o ensino de Ciências.

Educação como direito humano e sua aplicação no sistema prisional

A educação é reconhecida como um direito humano fundamental e uma ferramenta essencial para a reintegração social de indivíduos privados de liberdade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e outros tratados internacionais, como o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), reafirmam a importância da educação como um meio de promoção da dignidade e da cidadania (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020, p. 31).

No Brasil, a Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984) determina que os detentos têm direito à escolarização, com o objetivo de promover sua reintegração social e profissional. No entanto, apesar das diretrizes legais, a oferta de ensino nas unidades prisionais ainda é marcada por limitações significativas, como falta de recursos didáticos, espaços inadequados e descontinuidade no processo de aprendizagem.

Pesquisas indicam que a educação dentro dos presídios pode reduzir significativamente as taxas de reincidência criminal, aumentando as chances de reinserção social dos ex-detentos. A escolarização é vista como um meio de reconstrução da identidade dos presos, promovendo habilidades sociais e cognitivas essenciais para o convívio pós-cárcere (Lobato et al., 2020, p. 112).

Educação multisseriada e ensino de Ciências para apenados

As turmas da educação prisional são majoritariamente multisseriadas, ou seja, compostas por alunos com diferentes idades e níveis de escolaridade, o que exige dos professores uma abordagem pedagógica flexível e adaptativa (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 26). Essa realidade impõe desafios ao ensino de Ciências, que tradicionalmente se baseia na progressão de conceitos e no desenvolvimento de habilidades experimentais (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 48). Outro desafio é a defasagem educacional dos alunos, muitos dos quais apresentam dificuldades de leitura e interpretação, comprometendo a assimilação dos conteúdos científicos. Além disso, a alta rotatividade dentro das turmas

prejudica a continuidade das atividades pedagógicas, tornando a aprendizagem fragmentada e descontextualizada (Hodson, 2014, p. 153).

Para superar essas dificuldades, pesquisadores destacam a necessidade de adaptar os conteúdos de Ciências à realidade dos detentos, utilizando exemplos práticos e abordagens interdisciplinares. A flexibilização curricular e o uso de recursos didáticos alternativos podem tornar o ensino mais acessível e significativo para essa população (Hodson, 2014, p. 165).

Metodologias ativas e inovação didática na educação prisional

Diante dos desafios enfrentados no ensino de Ciências na educação prisional, metodologias ativas surgem como alternativas viáveis para estimular o engajamento e a participação dos alunos. Essas abordagens colocam os estudantes no centro do processo de aprendizagem, incentivando a construção do conhecimento por meio da investigação e da resolução de problemas.

Estudos apontam que estratégias como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o Ensino Investigativo favorecem a autonomia dos alunos e a compreensão de conceitos científicos, mesmo em ambientes com restrições de infraestrutura. Além disso, a gamificação e o uso de simulações virtuais podem substituir, em parte, a falta de laboratórios e experimentação prática nas unidades prisionais (Lobato et al., 2020, p. 141). Entretanto, o uso dessas metodologias requer capacitação docente e um planejamento adequado, considerando as especificidades do ensino prisional. Professores que adotam abordagens inovadoras relatam um aumento na participação dos alunos e na motivação para aprender, indicando que a inovação didática pode ser uma ferramenta fundamental para melhorar a qualidade da educação no cárcere (Hodson, 2014, p. 178).

Metodologia

Para analisar a implementação de metodologias inovadoras no ensino de Ciências na educação prisional, este estudo adotou uma abordagem quali-

tativa, centrada na coleta e interpretação de dados sobre as práticas pedagógicas utilizadas, os desafios enfrentados e as percepções dos participantes. A pesquisa envolveu professores e alunos de uma unidade prisional que oferece educação formal aos detentos, buscando compreender como estratégias ativas de ensino podem contribuir para a aprendizagem nesse contexto.

Abordagem e tipo de pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa exploratória, pois busca compreender fenômenos educacionais a partir da análise de experiências e percepções dos envolvidos. A abordagem qualitativa permite aprofundar a compreensão dos desafios do ensino de Ciências em presídios, bem como avaliar a eficácia das metodologias inovadoras aplicadas (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020, p. 56). Além disso, trata-se de uma pesquisa intervencionista, pois envolve a implementação de uma sequência didática inovadora no ambiente prisional e a posterior avaliação de seus impactos. O objetivo não é apenas descrever a realidade educacional nas prisões, mas também propor soluções metodológicas viáveis para melhorar o ensino de Ciências nesse contexto.

Participantes e contexto do estudo

A pesquisa foi conduzida em uma unidade prisional que oferece ensino fundamental e médio a jovens e adultos em privação de liberdade. Os participantes incluíram professores de Ciências e alunos matriculados na unidade escolar do presídio, selecionados com base na disponibilidade e no interesse em participar do estudo.

Os professores que participaram da pesquisa possuíam experiência mínima de um ano no ensino de Ciências na prisão e demonstraram interesse em aplicar abordagens metodológicas diferenciadas. Os alunos, por sua vez, representavam diferentes níveis de escolarização, o que refletiu a realidade das turmas multisseriadas características da educação prisional (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 72).

A infraestrutura da unidade prisional apresentou desafios significativos para a realização das atividades pedagógicas, incluindo salas de aula pequenas,

falta de laboratórios e restrição ao uso de materiais experimentais. Essas limitações exigiram adaptações metodológicas para garantir a aplicabilidade da sequência didática inovadora.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada em três etapas principais. Primeiramente, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com os professores, a fim de identificar os principais desafios e as percepções sobre o ensino de Ciências no sistema prisional. Em seguida, foi aplicada uma sequência didática inovadora, baseada em metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas (PBL) e o ensino investigativo (Lobato et al., 2020, p. 142). Após a implementação da sequência didática, os participantes responderam a questionários avaliativos, permitindo a análise do impacto da metodologia adotada. As entrevistas e os questionários foram transcritos e analisados por meio da análise de conteúdo, categorizando os dados de acordo com as percepções dos professores e alunos (Hodson, 2014, p. 184).

A análise dos dados foi realizada com o auxílio do software WebQDA, que possibilitou a organização e a identificação de padrões nas respostas dos participantes. Esse procedimento garantiu maior rigor na interpretação qualitativa dos dados e permitiu verificar as tendências relacionadas à adoção das metodologias inovadoras (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 95). Toda a pesquisa foi realizada dentro dos principais códigos éticos e foi aprovada previamente em um comitê de ética em pesquisa.

Análise e discussão dos resultados

A análise dos dados coletados revelou aspectos fundamentais sobre os desafios e impactos da adoção de metodologias inovadoras no ensino de Ciências na educação prisional. Os relatos dos professores e alunos indicaram tanto as dificuldades enfrentadas na implementação da sequência didática quanto os benefícios observados na participação e no aprendizado dos estudantes.

Percepções dos professores sobre o ensino de Ciências na prisão

Os professores relataram que o ensino de Ciências no sistema prisional é frequentemente dificultado pela falta de materiais didáticos, pela restrição ao uso de experimentos e pelo ambiente pouco propício à aprendizagem. Além disso, a heterogeneidade das turmas, com alunos de diferentes níveis de escolaridade e idades, representa um desafio adicional para a aplicação de metodologias pedagógicas eficazes.

Apesar dessas dificuldades, os docentes reconheceram que a adoção de metodologias ativas contribuiu para tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes. No entanto, destacaram que a falta de formação específica para atuar nesse contexto é um entrave para a implementação sistemática dessas abordagens (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 122).

Aplicação da sequência didática inovadora

A sequência didática aplicada baseou-se em metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o ensino investigativo. A proposta foi estruturada de forma a incentivar a participação dos alunos e promover a construção do conhecimento de maneira significativa (Lobato et al., 2020, p. 148).

Durante a implementação, os professores precisaram adaptar algumas atividades para contornar a falta de recursos disponíveis. Estratégias como o uso de materiais alternativos e a simulação de experimentos foram adotadas para garantir a viabilidade da proposta. Assim, os alunos demonstraram maior interesse e participação ativa nas aulas em que a abordagem investigativa foi aplicada. A possibilidade de discutir fenômenos científicos de maneira interativa aumentou a motivação dos estudantes e facilitou a compreensão dos conteúdos abordados.

Impacto das metodologias ativas na aprendizagem dos alunos

Os questionários aplicados após a intervenção indicaram que a abordagem inovadora foi percebida pelos alunos como mais estimulante e conectada

à sua realidade. Muitos relataram que, diferentemente das aulas tradicionais, as metodologias ativas incentivaram a reflexão sobre os conteúdos e promoveram maior interação entre os colegas e os professores (Hodson, 2014, p. 192).

Entre os impactos mais significativos, os participantes destacaram o aumento do engajamento durante as aulas, uma melhor compreensão dos conceitos científicos e o estímulo ao pensamento crítico. Além disso, os alunos relataram que a contextualização dos conteúdos contribuiu para tornar o aprendizado mais significativo e aplicável ao cotidiano (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 136).

No entanto, algumas dificuldades persistiram, como as limitações na leitura e interpretação de textos científicos. Esse fator reforça a necessidade de um suporte pedagógico mais estruturado para garantir que todos os alunos possam acompanhar as atividades propostas (Lobato et al., 2020, p. 153).

Limitações e desafios na implementação da inovação didática

Embora os resultados tenham sido positivos, a implementação da sequência didática inovadora enfrentou desafios importantes. A infraestrutura inadequada restringiu a realização de experimentos práticos, impactando a aplicabilidade das estratégias metodológicas adotadas.

Outro fator limitante foi o tempo reduzido das aulas, que dificultou o aprofundamento dos conteúdos científicos. Além disso, a falta de formação continuada dos professores comprometeu a adoção de metodologias ativas de maneira sistemática, evidenciando a necessidade de capacitação específica para atuar no ensino prisional.

Esses desafios demonstram a importância de políticas públicas voltadas para a melhoria da educação nas prisões. Investimentos na infraestrutura das unidades escolares e na formação docente podem ampliar as possibilidades de inovação didática e contribuir para um ensino de Ciências mais inclusivo e eficiente.

Considerações finais

Este estudo analisou a implementação de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de Ciências dentro do contexto da educação prisional, com foco

nos desafios enfrentados pelos professores e nos impactos das metodologias ativas na aprendizagem dos alunos. Os resultados evidenciaram que, apesar das limitações estruturais e pedagógicas, a adoção de estratégias inovadoras pode contribuir significativamente para o engajamento dos estudantes e para a melhoria da qualidade do ensino.

A percepção dos professores indicou que a principal barreira para o ensino de Ciências nas prisões está na falta de infraestrutura adequada e de materiais didáticos específicos. A impossibilidade de realizar experimentação prática em um ambiente controlado dificulta a assimilação dos conteúdos científicos e impõe desafios adicionais à didática dos docentes. No entanto, os professores relataram que metodologias ativas, como o ensino baseado em problemas e a gamificação, ajudaram a tornar o ensino mais dinâmico e interativo, promovendo uma melhor compreensão dos conceitos científicos (Júnior; Cordeiro, 2022, p. 143).

A avaliação dos alunos revelou que a abordagem inovadora proporcionou maior envolvimento com os conteúdos e incentivou a participação ativa nas atividades propostas. Muitos relataram que as metodologias adotadas tornaram a aprendizagem mais significativa e conectada com suas experiências pessoais, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico (Lobato et al., 2020, p. 187). No entanto, dificuldades como a defasagem educacional dos estudantes e a restrição no tempo de aula ainda representam desafios a serem superados para que a inovação didática tenha um impacto ainda maior.

As limitações da pesquisa incluem o fato de que a intervenção foi realizada em um período relativamente curto, o que não permitiu avaliar os impactos a longo prazo da implementação das metodologias ativas. Além disso, a impossibilidade de realizar experimentos científicos mais elaborados restringiu a exploração de algumas estratégias pedagógicas. Para futuras pesquisas, sugere-se a ampliação dos estudos sobre inovação didática na educação prisional, considerando diferentes abordagens metodológicas e suas aplicações em diversas disciplinas. Além disso, seria relevante investigar o impacto do ensino de Ciências na ressocialização dos detentos, explorando como o aprendizado pode contribuir para novas perspectivas de vida após o cumprimento da pena (Hodson, 2014, p. 204).

Os achados deste estudo reforçam a necessidade de investimentos em formação docente, infraestrutura e materiais pedagógicos específicos para a educação prisional. Garantir um ensino de qualidade dentro das prisões é um passo fundamental para a ressocialização dos apenados e para a redução da reincidência criminal, promovendo um impacto social positivo e duradouro (Kanaan; Souza; Pelissari, 2020, p. 211).

Referências

HODSON, D. Learning science, learning about science, doing science: Different goals demand different learning methods. **International Journal of Science Education**, v. 36, n. 15, p. 2534-2553, 2014.

JOSÉ, G. O. M.; LEITE, Y. U. F. Educação Básica em prisões no Brasil: entre avanços e desafios. **Revista Brasileira De Execução Penal**, v. 1, n. 1, p. 33-58, 2020.

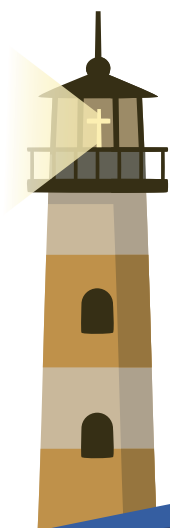
JÚNIOR, J. M. S.; CORDEIRO, R. V. STEAM Education: características e reflexões acerca de uma proposta acerca de uma proposta educacional ativa e interdisciplinar. **Anais do CIET: CIESUD**: 2022, 2022.

KANAAN, D. P. G.; DE SOUZA, R. M.; PELISSARI, L. B. A educação como instrumento emancipatório no sistema prisional. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, v. 5, n. 3, 2020.

LOBATO, S. C. et al. Avanços e desafios do direito à educação no sistema prisional brasileiro. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e581997583-e581997583, 2020.

Práticas pedagógicas no ensino da argumentação textual

Marcia Aparecida Gomes



Introdução

O ensino da argumentação textual ocupa um papel central na formação de estudantes, sendo uma habilidade essencial para a construção do pensamento crítico e a participação ativa em diferentes esferas sociais. A argumentação não apenas possibilita a defesa de pontos de vista, mas também estimula a organização do raciocínio, o domínio da linguagem escrita e a capacidade de análise e refutação de ideias. No contexto educacional, essa competência é fundamental para o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos e para o aprimoramento da escrita acadêmica e profissional (Imbernón, 2001, p. 48-49).

No entanto, pesquisas indicam que muitos estudantes apresentam dificuldades na construção de textos argumentativos, seja pela falta de clareza na formulação de teses e justificativas, seja pela fragilidade na organização dos argumentos e no uso de estratégias discursivas adequadas (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 57). Essas dificuldades refletem lacunas nas práticas pedagógicas adotadas no ensino da argumentação, muitas vezes pautadas na memorização de estruturas fixas e na ausência de uma abordagem mais contextualizada e reflexiva sobre a construção argumentativa (Passarelli; 2012).

Diante desse cenário, este estudo busca analisar práticas pedagógicas que favorecem o ensino da argumentação textual, identificando estratégias didáticas eficazes e desafios enfrentados pelos professores. A pesquisa investiga como diferentes metodologias podem contribuir para o aprimoramento da argumentação escrita dos alunos, considerando abordagens interativas e a utilização de gêneros discursivos diversos (Marcuschi, 2008, p. 122).

O artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico, discutindo conceitos-chave relacionados ao ensino da argumentação textual, bem como estratégias pedagógicas fundamentadas em estudos acadêmicos. A terceira seção descreve o caminho pedagógico percorrido, abordando a metodologia adotada na pesquisa, incluindo o perfil dos participantes e os instrumentos de coleta e análise dos dados. Na quarta seção, são apresentados e discutidos os principais resultados, com destaque para os desafios e as estratégias aplicadas no ensino da argu-

mentação. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais, sintetizando os achados da pesquisa, apontando suas contribuições para a área da educação e sugerindo direções para estudos futuros.

Referencial teórico

A argumentação textual é uma habilidade essencial para a formação do pensamento crítico e para a comunicação eficaz em diferentes contextos sociais e acadêmicos. Seu ensino envolve não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também a capacidade de articular ideias de maneira lógica e persuasiva, utilizando estratégias discursivas apropriadas. A seguir, são apresentados os principais conceitos teóricos que fundamentam esta pesquisa, com foco na importância da argumentação na educação, nos processos cognitivos envolvidos na construção argumentativa e nas estratégias pedagógicas que podem favorecer esse desenvolvimento.

A importância da argumentação textual na educação

A argumentação é um dos pilares da comunicação humana e desempenha um papel central na produção do conhecimento e na participação social. No contexto educacional, seu ensino permite que os alunos desenvolvam a capacidade de expressar opiniões fundamentadas, avaliar diferentes perspectivas e construir discursos coerentes e bem estruturados (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 64). Além disso, a argumentação está diretamente relacionada ao letramento crítico, uma vez que possibilita a análise e a desconstrução de discursos, promovendo a autonomia intelectual e a reflexão sobre diferentes pontos de vista.

O ensino da argumentação no ambiente escolar, contudo, ainda enfrenta desafios. Muitos estudantes apresentam dificuldades em articular argumentos consistentes, seja pela ausência de um repertório discursivo diversificado, seja pela falta de clareza na estruturação das ideias (Passarelli, 2012). Além disso, práticas pedagógicas tradicionalmente voltadas para a memorização de fórmulas prontas limitam o potencial argumentativo dos alunos, tornando a escrita mecânica e pouco reflexiva (Marcuschi, 2008, p. 130).

Dessa forma, é necessário que as estratégias de ensino da argumentação sejam reformuladas, priorizando metodologias que incentivem a prática reflexiva e a construção de textos argumentativos mais elaborados e contextualizados.

Processos cognitivos e habilidades argumentativas

A construção de um texto argumentativo envolve processos cognitivos complexos, que exigem do escritor a capacidade de planejar, estruturar e revisar suas ideias de maneira lógica e persuasiva. Estudos demonstram que a argumentação está relacionada ao desenvolvimento de habilidades metacognitivas, ou seja, à capacidade de monitorar e ajustar o próprio pensamento durante a produção textual.

Dentre as principais competências envolvidas na escrita argumentativa, destacam-se a formulação de uma tese clara, a seleção de argumentos consistentes, a organização coerente das ideias e o uso adequado de recursos linguísticos para persuadir o leitor. Além disso, a argumentação exige que o autor antecipe possíveis objeções e estabeleça estratégias discursivas para refutá-las, garantindo maior solidez ao texto.

A pesquisa em ensino da escrita tem demonstrado que a aprendizagem dessas habilidades pode ser potencializada por meio de atividades que estimulem a reflexão sobre a estrutura argumentativa dos textos e o uso de modelos explícitos para a organização das ideias (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 70).

Estratégias pedagógicas para o ensino da argumentação

Diversas abordagens pedagógicas têm sido propostas para aprimorar o ensino da argumentação textual, sendo as mais eficazes aquelas que combinam teoria e prática, promovendo a escrita como um processo ativo e reflexivo. Uma das estratégias mais promissoras é o ensino baseado em gêneros discursivos, que propõe a análise e produção de textos argumentativos dentro de contextos reais de comunicação. Outra metodologia amplamente discutida na literatura é a escrita colaborativa, na qual os alunos trabalham em pares ou grupos para planejar, revisar e aprimorar seus textos argumentativos, favorecendo a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

Além disso, a utilização de sequências didáticas estruturadas tem se mostrado eficaz para o ensino da argumentação. Dolz e Schneuwly (2004, p. 75) propõem um modelo de ensino baseado em três etapas: imersão no gênero argumentativo, produção inicial e reescrita com base em feedback, permitindo um aprendizado progressivo e significativo.

Estudos recentes também apontam o uso de tecnologias digitais como uma ferramenta valiosa para o ensino da argumentação. Ambientes virtuais de aprendizagem, fóruns de debate e softwares de escrita colaborativa podem potencializar a prática argumentativa dos alunos e ampliar suas possibilidades de interação com diferentes discursos e perspectivas.

Diante dessas possibilidades, é fundamental que as práticas pedagógicas voltadas para o ensino da argumentação considerem metodologias dinâmicas e interativas, que estimulem os alunos a desenvolverem sua escrita de forma crítica e contextualizada.

Caminho pedagógico percorrido (metodologia)

A fim de investigar as práticas pedagógicas no ensino da argumentação textual, este estudo adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, voltada para a compreensão das percepções, desafios e estratégias utilizadas por professores no ensino da argumentação. A pesquisa foi desenvolvida em um ambiente escolar, com a participação de docentes que atuam diretamente no ensino da produção textual argumentativa.

O objetivo central da metodologia foi identificar como os professores trabalham a argumentação em sala de aula, quais estratégias têm sido mais eficazes e quais dificuldades são enfrentadas na prática pedagógica. Para isso, foram utilizados instrumentos de coleta de dados que permitiram analisar não apenas as percepções dos docentes, mas também as implicações de suas práticas na aprendizagem dos alunos. A seguir, são descritos os aspectos metodológicos do estudo, incluindo o tipo de pesquisa, a caracterização dos participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos adotados para análise das informações obtidas.

Tipo de pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, pois busca compreender em profundidade as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da argumentação textual, explorando as experiências e percepções dos professores (Minayo, 2010). A abordagem qualitativa permite captar nuances do ensino que não seriam acessíveis por meio de métodos puramente quantitativos, uma vez que foca na interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos à sua própria prática.

Além disso, o estudo tem um caráter exploratório, pois se propõe a identificar desafios e potencialidades no ensino da argumentação, sem partir de hipóteses pré-estabelecidas. Essa abordagem possibilita uma análise mais aberta e flexível, permitindo que os dados coletados orientem a formulação de novas questões e perspectivas ao longo da pesquisa (Minayo, 2012, p. 35).

Caracterização dos participantes e contexto da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram professores de língua portuguesa que atuam no ensino fundamental II e médio, em instituições de ensino que adotam a produção textual argumentativa como parte essencial do currículo. Os docentes foram selecionados por meio de um critério de intencionalidade, considerando sua experiência com o ensino da argumentação e sua disposição para participar do estudo.

O contexto da pesquisa compreende escolas da rede pública e privada, o que permite uma visão comparativa das diferentes realidades educacionais no ensino da argumentação. A diversidade de contextos analisados possibilitou observar variações nas estratégias pedagógicas e nos desafios enfrentados pelos professores, levando em conta fatores como infraestrutura escolar, acesso a materiais didáticos e nível de engajamento dos alunos.

Instrumentos de coleta de dados

Para alcançar os objetivos do estudo, foram utilizados três instrumentos principais de coleta de dados: (1) entrevistas semiestruturadas; (2) observação de aulas; e, (3) análise documental de produções textuais dos alunos.

Ou seja, podemos dizer que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os professores participantes, abordando questões sobre suas concepções de argumentação textual, as estratégias didáticas utilizadas, as dificuldades encontradas e as percepções sobre a aprendizagem dos alunos. Esse método permitiu um aprofundamento na experiência docente e na reflexão sobre a prática pedagógica.

Já as observações de aulas, ou seja, das aulas de produção textual argumentativa, foram acompanhadas para registrar as práticas pedagógicas utilizadas, as interações entre professores e alunos e os desafios enfrentados no desenvolvimento da argumentação escrita. As observações foram registradas em diário de campo, possibilitando uma análise detalhada dos procedimentos metodológicos adotados.

Por fim, a análise documental foi coletada e analisada a partir das produções textuais de alunos, permitindo verificar quais estratégias argumentativas estavam sendo aplicadas e quais dificuldades mais recorrentes foram identificadas. A análise desses textos possibilitou uma triangulação dos dados, relacionando as percepções dos professores com as práticas observadas em sala de aula e com o desempenho dos alunos. Podemos dizer que a triangulação desses instrumentos proporcionou uma visão mais completa sobre o ensino da argumentação textual, combinando diferentes perspectivas e garantindo maior profundidade na interpretação dos dados.

Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram explorados a partir da análise de conteúdo, a qual permite a identificação de categorias emergentes a partir dos relatos dos professores, das observações em sala de aula e das produções textuais dos alunos. O processo de análise seguiu três etapas principais: (1) pré-análise – leitura flutuante dos dados coletados para identificação de padrões e temas recorrentes; (2) exploração do material – categorização das informações obtidas nas entrevistas, observações e produções textuais, agrupando os dados em eixos temáticos; (3) tratamento e interpretação dos resultados – relação entre as categorias emergentes e o referencial teórico, buscando com-

preender as estratégias mais eficazes e os desafios enfrentados no ensino da argumentação textual.

A análise qualitativa foi complementada por descrições detalhadas das práticas pedagógicas observadas, permitindo uma compreensão mais ampla dos processos de ensino e aprendizagem da argumentação. A metodologia adotada permitiu não apenas identificar as concepções e estratégias dos professores, mas também observar como essas práticas se refletem na produção argumentativa dos alunos. O estudo possibilitou, assim, uma visão integrada dos desafios e potencialidades do ensino da argumentação textual, contribuindo para a formulação de propostas pedagógicas mais eficazes.

Análise e discussão dos resultados

A partir da análise dos dados coletados, foram identificados aspectos centrais relacionados às práticas pedagógicas no ensino da argumentação textual. Os resultados apontam para um cenário desafiador, no qual os professores reconhecem a importância da argumentação para o desenvolvimento da escrita e do pensamento crítico, mas encontram dificuldades na sua abordagem em sala de aula.

Os dados obtidos por meio das entrevistas com docentes, da observação de aulas e da análise das produções textuais dos alunos permitiram mapear os principais desafios enfrentados, bem como as estratégias mais eficazes utilizadas no ensino da argumentação. A seguir, são apresentados os principais achados organizados em quatro eixos: (1) desafios no ensino da argumentação; (2) estratégias pedagógicas aplicadas; (3) impacto das metodologias utilizadas; e, (4) implicações para a prática docente.

Desafios enfrentados no ensino da argumentação textual

Os professores participantes relataram que um dos maiores desafios no ensino da argumentação é a dificuldade dos alunos em formular uma tese clara e sustentá-la com argumentos consistentes. Muitos estudantes demonstram insegurança ao expressar seus posicionamentos, recorrendo a generalizações, re-

petições e falhas na organização textual. Essas dificuldades já foram apontadas por Dolz e Schneuwly (2004, p. 77), que destacam a importância de sequências didáticas bem estruturadas para o desenvolvimento da argumentação.

Outro desafio mencionado pelos docentes foi a falta de repertório sociocultural dos alunos, que impacta diretamente na capacidade de construção argumentativa. A argumentação exige um domínio não apenas da estrutura textual, mas também de conhecimentos amplos sobre diferentes temáticas. A ausência desse repertório leva muitos alunos a reproduzirem ideias vagas ou a utilizarem argumentos de autoridade sem aprofundamento crítico.

Além disso, os professores destacaram a escassez de tempo e a sobrecarga curricular como fatores que dificultam a implementação de práticas mais aprofundadas para o ensino da argumentação. Em muitas escolas, o ensino da produção textual se limita a exercícios pontuais, sem uma abordagem contínua e estruturada (Marcuschi, 2006).

Estratégias pedagógicas aplicadas

Apesar dos desafios, os professores adotam diferentes estratégias para auxiliar os alunos no desenvolvimento da argumentação textual. Uma das abordagens mais citadas foi a utilização de modelos textuais e análise de exemplos, prática defendida por Koch (2014) como fundamental para que os estudantes compreendam as características dos textos argumentativos. Segundo os docentes entrevistados, a leitura e a desconstrução de textos bem elaborados ajudam os alunos a internalizar padrões argumentativos e a ampliar seu repertório discursivo.

Outra estratégia bastante empregada é a produção textual orientada, na qual os alunos recebem instruções detalhadas sobre a estrutura da argumentação, incluindo definição de tese, escolha de argumentos e uso de conectores discursivos. Esse método é alinhado à proposta de Dolz e Schneuwly (2004, p. 81), que defendem o ensino da argumentação como um processo gradual, baseado em modelagem e reescrita contínua.

Os professores também relataram que a prática de debates e discussões em sala de aula tem sido eficaz para estimular a argumentação oral e, conse-

quentemente, melhorar a escrita argumentativa. A abordagem interativa permite que os alunos testem seus argumentos em um ambiente dinâmico, desenvolvendo habilidades como organização do raciocínio e contra-argumentação.

Outra estratégia mencionada foi a escrita colaborativa, na qual os alunos trabalham em pares ou grupos para construir textos argumentativos. Essa abordagem possibilita a troca de ideias e a reflexão conjunta sobre a estrutura argumentativa, potencializando o aprendizado.

Impacto das metodologias utilizadas

A análise das produções textuais dos alunos revelou que as estratégias pedagógicas adotadas pelos professores impactam diretamente a qualidade da argumentação escrita. Os textos dos alunos que participaram de atividades mais estruturadas, como análise de modelos e escrita orientada, apresentaram maior clareza na formulação da tese e na organização dos argumentos, em comparação com aqueles que tiveram um ensino mais tradicional, baseado apenas em exercícios pontuais.

Observou-se também que os alunos expostos a práticas como debates e discussões demonstraram um uso mais eficaz de contra-argumentação e refutação em seus textos. Essa relação já havia sido discutida por Passarelli (2012), que destaca a importância de atividades dialógicas para o desenvolvimento da argumentação.

No entanto, os professores ressaltaram que os avanços não ocorrem de forma homogênea. Alunos com maior domínio da leitura e escrita demonstraram progressos mais significativos, enquanto aqueles com dificuldades na construção textual ainda apresentaram problemas na formulação e sustentação dos argumentos. Esse dado reforça a necessidade de um ensino adaptado às diferentes realidades dos estudantes.

Implicações para a prática pedagógica

Os resultados da pesquisa indicam que o ensino da argumentação textual requer um planejamento contínuo e metodologias que favoreçam a participação ativa dos alunos. A simples exposição teórica sobre os elementos da

argumentação não é suficiente para garantir a apropriação efetiva dessas habilidades, sendo necessário um ensino baseado na prática constante e no acompanhamento do processo de escrita (Marcuschi, 2008, p. 140).

Além disso, ficou evidente que a integração entre argumentação oral e escrita pode ser uma estratégia valiosa para o desenvolvimento da argumentação textual. Professores que incentivam debates, discussões e exercícios de contra-argumentação relataram resultados melhores na qualidade dos textos produzidos pelos alunos.

Outro ponto relevante é a necessidade de formação continuada para professores, pois muitos docentes afirmam não ter recebido preparo específico para ensinar argumentação de maneira estruturada. Como apontam Dolz e Schneuwly (2004, p. 89), a capacitação dos professores é essencial para que eles possam aplicar metodologias eficazes e acompanhar o desenvolvimento argumentativo dos alunos de forma mais precisa.

Por fim, os achados do estudo reforçam a importância de materiais didáticos adaptados e tempo adequado para a prática da escrita argumentativa. Segundo os professores, a sobrecarga curricular e a falta de recursos específicos são fatores que limitam a abordagem aprofundada da argumentação em sala de aula, sendo necessário um investimento maior nesse aspecto para que os alunos possam desenvolver plenamente essa competência.

Considerações finais

O presente estudo analisou as práticas pedagógicas no ensino da argumentação textual, investigando os desafios enfrentados pelos professores, as estratégias didáticas utilizadas e os impactos dessas abordagens na aprendizagem dos alunos. Os resultados demonstram que a argumentação é uma competência essencial para a formação acadêmica e cidadã, mas seu ensino enfrenta obstáculos significativos, como a dificuldade dos alunos na construção de argumentos consistentes, a falta de repertório sociocultural e a escassez de tempo para um ensino aprofundado da escrita argumentativa (Dolz; Schneuwly, 2004, p. 77).

A pesquisa evidenciou que estratégias pedagógicas estruturadas são fundamentais para o desenvolvimento da argumentação textual. Métodos como análise de modelos textuais, produção orientada, debates e escrita colaborativa demonstraram efeitos positivos na qualidade dos textos dos alunos, favorecendo uma escrita mais clara, coesa e fundamentada. Além disso, constatou-se que a argumentação oral, quando incorporada ao ensino da escrita, contribui para o aprimoramento da argumentação textual, fortalecendo a organização do pensamento e o uso adequado de contra-argumentação.

Entretanto, a pesquisa também revelou que o ensino da argumentação ainda precisa ser aprimorado, principalmente no que diz respeito à formação dos professores e à disponibilidade de materiais didáticos específicos. Muitos docentes relataram não ter recebido preparo adequado para trabalhar a argumentação de forma estruturada, o que impacta diretamente as estratégias adotadas em sala de aula. Conforme apontam Dolz e Schneuwly (2004, p. 89), o desenvolvimento de cursos de formação continuada para professores pode contribuir significativamente para a aplicação de metodologias mais eficazes.

Além disso, a sobrecarga curricular e a falta de tempo destinado à produção textual são barreiras que dificultam a construção da argumentação de maneira progressiva e reflexiva. Para que o ensino da argumentação seja mais eficiente, é necessário um investimento na reestruturação do currículo, permitindo que a produção textual argumentativa seja trabalhada de forma contínua e integrada a diferentes componentes curriculares (Marcuschi, 2008, p. 140).

Assim, os achados reforçam a importância de um ensino dinâmico e interativo, no qual os alunos sejam estimulados a argumentar em diferentes contextos discursivos, desenvolvendo habilidades essenciais para sua formação acadêmica e profissional. A pesquisa também destaca a necessidade de um ensino da argumentação mais contextualizado, que vá além da mera aplicação de fórmulas estruturais e incentive os alunos a refletirem criticamente sobre os temas abordados. Estratégias como uso de temas atuais, análise de textos autênticos e integração entre oralidade e escrita se mostram caminhos promissores para um ensino mais eficaz e significativo.

Limitações da pesquisa e sugestões para estudos futuros

Como toda pesquisa, este estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, o número de professores participantes foi limitado a um recorte específico, o que restringe a possibilidade de generalização dos achados para outras realidades educacionais. Futuras pesquisas podem ampliar essa abordagem, investigando como diferentes redes de ensino e contextos escolares influenciam as práticas de ensino da argumentação. Outra limitação foi a falta de um acompanhamento longitudinal dos alunos, que permitiria avaliar o impacto das metodologias aplicadas ao longo de um período maior. Estudos futuros podem adotar uma abordagem longitudinal, analisando como o ensino da argumentação evolui ao longo do tempo e quais metodologias apresentam efeitos mais duradouros.

Sugere-se, ainda, a realização de estudos comparativos entre diferentes abordagens de ensino da argumentação, a fim de identificar quais práticas produzem os melhores resultados em termos de clareza argumentativa, coesão textual e desenvolvimento do pensamento crítico. Além disso, pesquisas sobre a formação docente específica para o ensino da argumentação podem contribuir para a criação de programas de capacitação mais alinhados às necessidades dos professores.

Reflexões finais e perspectivas para o ensino da argumentação

O ensino da argumentação textual representa um desafio pedagógico significativo, mas também uma oportunidade de desenvolver habilidades fundamentais para a formação dos alunos. A pesquisa demonstrou que estratégias pedagógicas bem planejadas podem contribuir para a superação das dificuldades enfrentadas pelos estudantes na construção de argumentos sólidos e na organização textual.

O aprimoramento do ensino da argumentação passa, necessariamente, por investimentos na formação docente, na ampliação do repertório dos alunos e na reestruturação do currículo, garantindo que a argumentação seja trabalhada de forma contínua e interdisciplinar. Além disso, a adoção de metodologias ativas e participativas pode tornar o processo de ensino mais envolvente e eficaz.

Por fim, espera-se que os achados deste estudo possam contribuir para novas reflexões e avanços na área do ensino da escrita argumentativa, incentivando pesquisas futuras e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inovadoras e alinhadas às necessidades dos estudantes.

Referências

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Rojo e Gláís Sales. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 81-108.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Tradução de Juliana dos Santos Padilha Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PASSARELLI, L. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

Posfácio

Silvia Quadros

Rodrigo Follis



Educar é reencantar: por uma pedagogia da esperança encarnada

Ao fechar as páginas deste livro, permanece uma sensação vívida de que fomos convidados a algo mais profundo do que a simples transmissão de conteúdos: fomos chamados à prática de uma educação viva, integral e comprometida com a transformação de pessoas e contextos. Voltamos agora ao ponto de partida: a crise da razão, da linguagem e da espiritualidade. Discutimos isso na introdução da presente obra e voltamos a ela agora quando terminamos nossas breves provocações obtidas ao longo dos três artigos que aqui se complementam. Mas já não o fazemos com desalento — agora voltamos com esperança, não como ideia abstrata, mas como proposta concreta, encarnada em práticas pedagógicas, em escolhas metodológicas e, sobretudo, na figura do professor.

Os três capítulos que compõem este livro, embora distintos em seus objetos de estudo, compõem um mosaico coerente e potente. Juntos, eles revelam que ensinar é, antes de tudo, acreditar — acreditar que o conhecimento é capaz de libertar, que a fé pode conviver com a razão, que a linguagem pode reconstruir o mundo e que todo ser humano, mesmo em contextos extremos, carrega dentro de si uma semente de dignidade e transcendência. E que ela pode florescer quando um bom professor a rega.

O primeiro capítulo nos mostrou que integrar fé e ciência não é negar nenhum dos dois polos, mas sim criar uma ponte pedagógica onde a espiritualidade amplia o sentido do conhecimento e o conhecimento ilumina a fé. O segundo capítulo mergulhou no solo duro da realidade prisional e, ao invés de se deter no desespero, semeou esperança por meio da inovação metodológica e da confiança no potencial humano — mesmo quando tudo ao redor insiste em negar esse potencial. O terceiro capítulo, por sua vez, deu voz à linguagem como ferramenta de libertação e mostrou que a capacidade de argumentar, de pensar com clareza e de se posicionar, é um direito formativo que deve ser garantido a todos.

E, como sempre ficou claro, desde a introdução, há algo que atravessa os três textos com força especial: a figura do professor como mediador entre

mundos — entre ciência e fé, entre prisão e liberdade, entre silêncio e palavra. É ele quem, em diferentes contextos, com diferentes instrumentos, torna possível a transformação. A ele é confiada uma tarefa quase sagrada: abrir horizontes onde tudo parece estreito, acender luzes em ambientes escuros, apontar caminhos onde parece não haver mais direção.

Este livro também nos lembra de algo muitas vezes esquecido: a educação transforma, sim, mas não sozinha. Ela exige ação, discernimento e entrega. Práticas que transformam não nascem apenas de boas intenções ou de belas teorias. Elas são fruto de escolhas concretas: de preparar uma aula com cuidado; de ouvir um aluno com paciência; de propor um debate em vez de repetir fórmulas; de ousar ensinar ciências onde só há concreto e grades; de levar a fé para a sala de aula não como imposição, mas como inspiração e fundamento de sentido.

Por isso, este posfácio é, mais do que um fechamento, ele pode ser chamado de “um novo começo”. Ele é um chamado à ação. A pergunta que ressoa desde a introdução — “Que tipo de ponte tenho sido eu?” — continua ecoando aqui. Mas agora ela exige resposta. Que ponte construiremos entre a razão e o sagrado? Entre o conteúdo e o coração? Entre a teoria e a vida real de nossos alunos?

Desafio final: transformar para reencantar

Assim, deixamos três convites práticos para o educador que chegou até aqui:

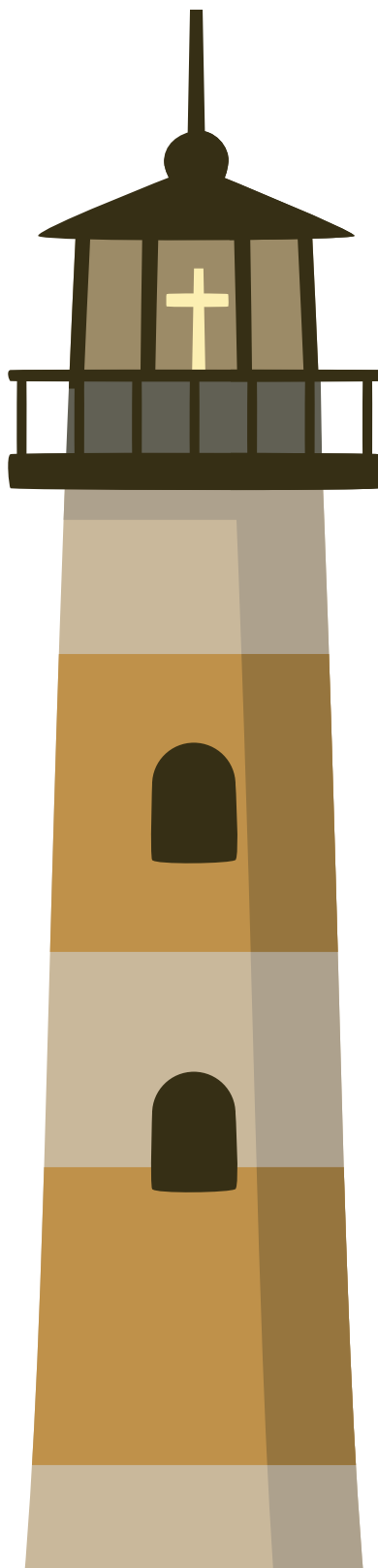
- Reveja sua prática à luz da fé e da razão. Se pergunte: como eu poderia ser mais significativa, mais integrador, mais humano?
- Escolha um estudante — ou mais do que um — que talvez esteja à margem, e proponha a si mesmo ser ponte para ele. Experimente ouvi-lo, entender seu contexto, adaptar uma tarefa à sua realidade. Pequenos gestos geram grandes mudanças. Se pergunte: você tem sido uma ponte ou um pedágio?
- Forme uma rede de educadores que queiram, como você, reencantar a educação. Compartilhem experiências, erros, acertos. Leiam este livro juntos. Reflitam em comunidade. Mas, o mais importante, seja

uma inspiração e se inspire junto a outros professores. Juntos podemos nos lembrar o motivo de sermos professores: transformar vidas. Afinal, a verdadeira transformação nunca é solitária. Ela é coletiva, comunitária e espiritual.

Terminar um livro como este não é um adeus, mas um envio. Que cada professor e professora que o lê sinta-se chamado a ser mais do que transmissor de conteúdo. Que seja ponte. Que seja sinal. Que seja presença viva de uma pedagogia que acredita no poder do conhecimento, mas também na força da fé e no lugar da esperança. Educar é um ato de fé. Ensinar é um gesto de amor. Transformar é um caminho que se faz com coragem. E, nesse caminho, que este livro seja companheiro de jornada.

Os organizadores

Sobre os autores e organizadores



ORGANIZADORES

Rodrigo Follis

Doutor em Ciências da Religião e mestre em Comunicação Social. É professor do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Atua nas áreas de formação de professores, currículo, práticas inovadoras, gestão educacional e avaliação. Já foi gestor educacional em vários locais e cargos. É editor da revista de teologia *Kerygma* e coordena projetos de pesquisa e extensão voltados à educação integral e à valorização da educação.

Sílvia Cristina de Oliveira Quadros

Doutora em Educação. É professora e coordenadora do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Tem ampla experiência na formação de professores e nas áreas de currículo, processos educativos e avaliação. Já foi gestora educacional em vários locais e cargos. Coordena grupos de pesquisa e atua em projetos voltados à inovação pedagógica e desenvolvimento profissional de educadores e gestores.

AUTORES

Arilson Campos Rojas

Mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), desenvolveu a dissertação intitulada “Inovação didática em Ciências da Natureza na educação prisional: uma proposta de ensino por investigação”, sob a orientação do Prof. Dr. Francislê Neri de Souza. Sua pesquisa foca na implementação de metodologias ativas e inovadoras no ensino de Ciências para contextos de privação de liberdade, visando promover uma educação mais inclusiva e transformadora.

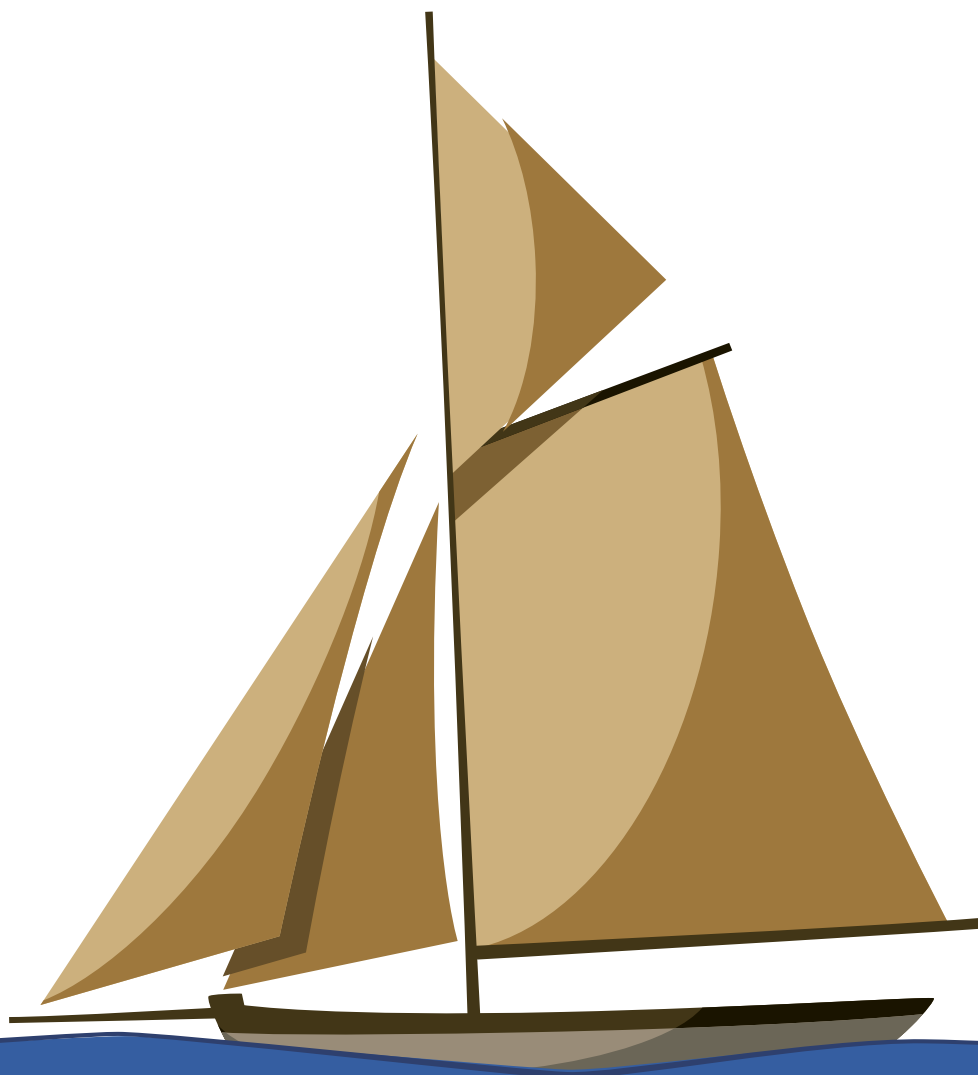
Márcia Aparecida Gomes

Mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), apresentou a dissertação “A argumentação na produção textual: uma proposta de intervenção para o 9º ano do Ensino Fundamental”, sob a orientação da Profa. Dra. Ellen Nogueira Rodrigues. Sua pesquisa concentrou-se em estratégias pedagógicas para aprimorar a capacidade argumentativa dos alunos na escrita, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e da competência comunicativa no Ensino Fundamental.

Zarife Magalhães de Moraes Rojas

Mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), desenvolveu a dissertação “A integração fé, ensino e aprendizagem nas escolas confessionais adventistas: um estudo de caso”, sob a orientação do Prof. Dr. Francislê Neri de Souza. Sua pesquisa investigou como a cosmovisão cristã é incorporada nas práticas pedagógicas das escolas adventistas, analisando a relação entre fé, ensino e aprendizagem e propondo estratégias para uma educação integral que contemple aspectos acadêmicos e espirituais.

Índice remissivo



A

Aprendizagem 7–10, 14–16, 19–21, 23, 25–26, 28–29, 31–32, 34, 37–41, 43, 48–49, 51–52, 55, 65, 68

Argumentação 1–3, 7–8, 11–12, 28, 45–57, 65, 68

Autonomia intelectual 46–47, 68

C

Ciências 5, 8–10, 14–43, 61, 64–65, 68

Contexto escolar 68

Cosmovisão cristã 8, 16, 19, 65, 68

D

Desafios educacionais 68

Didática 8, 12, 14, 17–18, 23, 25–27, 31–33, 35, 38–43, 65, 68

E

Educação 7–10, 12–13, 15–18, 21, 23, 32–40, 42–44, 47, 60–61, 64–65, 68

Educação prisional 9, 33–40, 42–44, 65, 68

Ensino 1–3, 7–12, 14–32, 34–58, 65, 68

Escolas confessionais 9, 15–23, 28, 65, 68

Escrita argumentativa 48, 54–55, 58, 68

Esperança 7, 9–10, 12, 60, 62, 68

Experiência 15, 39, 50–51, 64, 68

F

Fé 1–3, 7–12, 14–32, 60–62, 65, 68

Formação docente 15, 21, 29–30, 42, 44, 57, 68

I

Inclusão 23, 68

Investigação científica 68

L

Linguagem 8, 10–12, 46, 60, 68

M

Metodologias ativas 8–9, 15–16, 26–27, 29, 31, 35–36, 38, 40–43, 57, 65, 68

P

Pensamento crítico 8, 11, 19–20, 26–28, 36, 42–43, 46–47, 52, 57, 65, 68

Práticas pedagógicas 8–9, 12, 16, 24–25, 35–36, 39, 42, 45–47, 49–52, 55, 58, 60, 65, 68

Professor 7, 10, 12–13, 15, 23, 60, 62, 64, 68

Projetos 10, 20, 32, 34, 64, 68

R

Reflexão 8, 10, 19, 21, 26, 42, 47–48, 51, 54, 68

Reinserção social 37, 68

Ressocialização 34–36, 43–44, 68

T

Transformação 9–10, 12–13, 60–62, 68